A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1994



A LIAHONA

MARÇO 1984



Na capa:
Roma, na Itália, tem uma população de mais de cinco milhões de habitantes—e locomover-se em uma cidade tão grande pode ser difícil. Os adolescentes SUD dependem dos pais para freqüentarem as aulas do seminário, aos sábados à tarde. Vide "No Caminho Certo, em Roma", página 10. (Fotografia da capa de Alfred W. Walker e Scott Knudson.)

Capa da Seção Infantil:
Noé e os animais preparam-se para entrar na arca.
(Ilustrado por Don Weller.)

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
A COISA DE MAIOR VALOR
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

OPOSIÇÃO-ALEGRIA & BOA VIDA
BRUCE C. E MARIE HAFEN 14

TRINTA ANOS COMO PROFESSORA VISITANTE
IRMA DE MACKENNA 20

SPENCER W. KIMBALL: ELE NÃO SE ENTREGOU
PETREA KELLY 26

O ÊXODO: VISTO COMO UM TESTE,
UM TESTEMUNHO E UM EXEMPLO S. KENT BROWN 34

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

NO CAMINHO CERTO EM ROMA DEANNE WALKER 10

UMA BÊNÇÃO DE PAI AMANDA MEANS 33

É A SUA VEZ DE DAR AULA SHANE BARKER 44

CONEXÃO RUSSA MAUREEN CLAYTON 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES
O DOM DO ESPÍRITO SANTO 25

SEÇÃO INFANTIL

REVERÊNCIA NAS MONTANHAS CAROL ALLEY WELSH 2

O AMOR DO SALVADOR
RALPH ROGERS, JR, K. NEWELL DAYLEY, E LAURIE HUFFMAN 6

TEMPO DE COMPARTILHAR:
O PLANO DE SALVAÇÃO TRAZ-ME PAZ JUDY EDWARDS 8

AMIGOS EM NOTÍCIA 10

COMO CONVERSAR COM O PAI CELESTIAL
JILL CAMPBELL 12

CADA UM DEVE TER SEU PRÓPRIO TESTEMUNHO
ÉLDER GLENN L. PACE 14

SÓ PARA DIVERTIR 16

MARÇO de 1994, Vol. 18, nº 3
A LIAHONA, 94983 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Editor: Rex D. Pinegar

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:
Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **CR$ 3.700,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **CR$ 310,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ATÉ MESMO AS ILUSTRAÇÕES TESTIFICAM

Estou servindo com meu marido na Estônia e somos o primeiro casal missionário vindo da Finlândia para cá. Às vezes, precisamos percorrer longas distâncias de ônibus para visitar e ensinar os membros da Igreja. Geralmente levo comigo o *Finish Valkeus* (a revista da Igreja em finlandês) para ler. De vez em quando, encontramos alguns artigos escritos em estoniano na seção de notícias locais.

Sinto-me especialmente grata pelo exemplar de abril de 1993, que traz muitas ilustrações belíssimas de Cristo. Um dia desses eu o folheava no ônibus, quando uma mulher de meia idade sentou-se ao meu lado. Ao ver as figuras de Cristo, perguntou-me onde poderia comprar a revista, comentando que as revistas locais não tinham ilustrações tão belas. Aproveitei a oportunidade para falar-lhe a respeito da Igreja. Enquanto olhava as figuras, ela disse: "Estamos precisando de revistas como esta aqui na Estônia". Logo encontrei um artigo em estoniano, escrito por Marina Saarikki, sobre a autoridade do sacerdócio, e comecei a lê-lo em voz alta para ela. Enquanto lia, minha companheira de viagem disse: "É verdade." Regozijamo-nos com a presença do Espírito Santo e convidei-a para nossas reuniões.

Irmã Mirja Silvennoinen
Tallinn, Estônia

DAR AS REVISTAS

Desde que me batizei, a *Liahona* (espanhol) tem sido uma fonte de inspiração para mim. Por isso, não gostei quando meu pai começou a dar as revistas aos amigos do trabalho. Eu queria guardá-las para uso futuro.

Mudei completamente de atitude quando, certo dia, um homem bateu à nossa porta procurando por meu pai. Ele disse que meu pai lhe dera algumas Liahonas e falara-lhe sobre o evangelho, mas não trabalhava mais com ele. Aquele irmão havia lido e relido as revistas, refletindo sobre as mensagens ali contidas. Depois de algum tempo, quando os missionários bateram à sua porta, ele estava preparado para reconhecer a verdade e fazer convênios com o Senhor. Procurou imediatamente meu pai para agradecer-lhe pelas revistas.

Depois do que aconteceu, passei a compreender melhor que o Senhor usa todos os meios para levar a verdade àqueles que estão preparados para servi-lo.

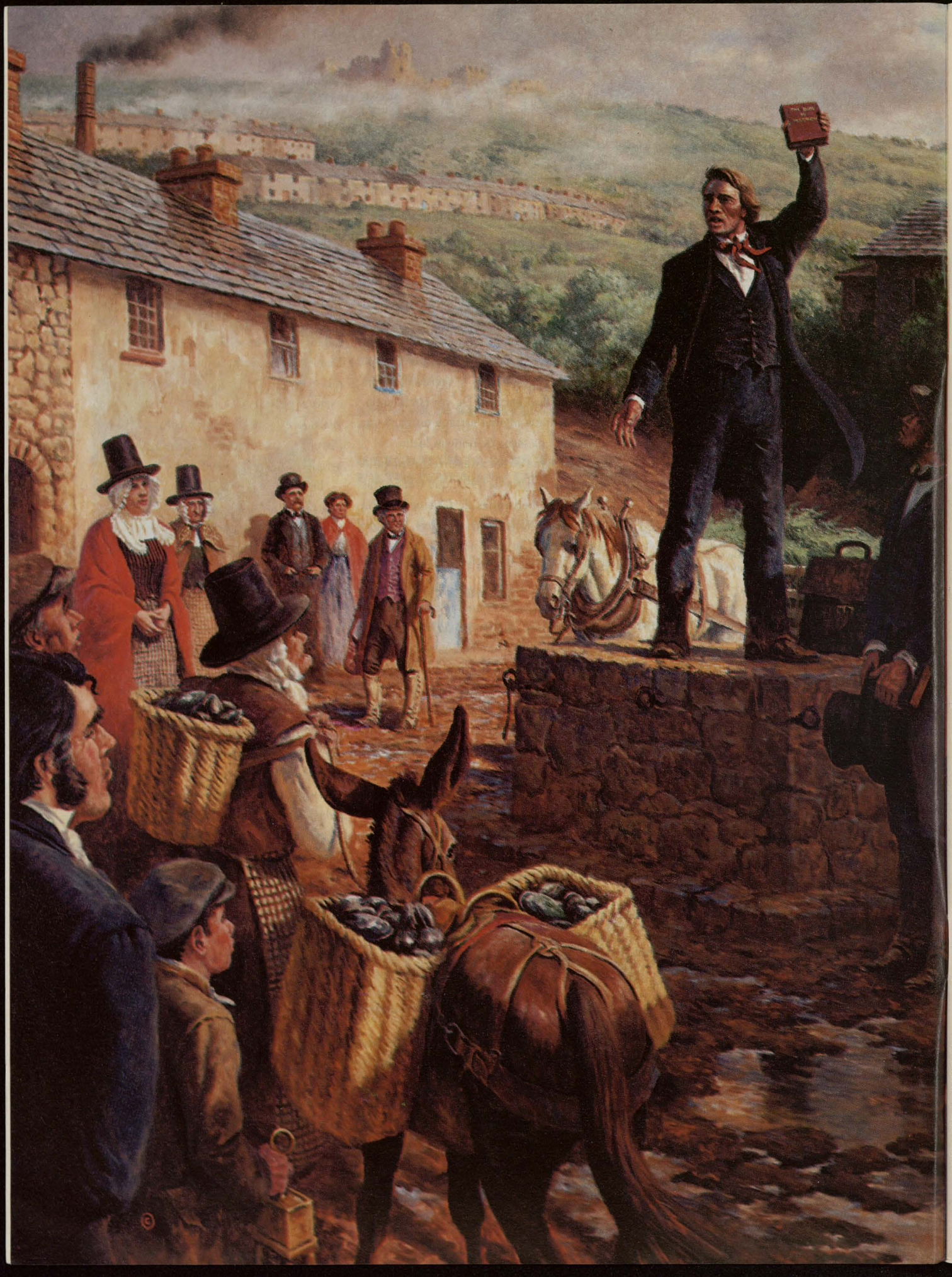
Giesi Romeo Aquirre Dávila
Mexquital, Guatemala

DA CHINA CONTINENTAL

Sou ateu e cheguei recentemente a Saipan, vindo da China Continental. Certo dia, deparei-me com um exemplar de *Sheng Tu Chi Sheng*, a publicação da Igreja em chinês. Li a revista por pura curiosidade e fiquei profundamente tocado pelas mensagens. Deram-me coragem para viver, força para enfrentar as dificuldades e curiosidade sobre a Igreja mórmon e Deus. Espero aprender algo a respeito de religião, pois até agora não conseguia acreditar na existência de um Deus Todo-Poderoso neste mundo.

Vim sozinho para Saipan e muitas vezes me sinto solitário e perdido. Esta revista deu-me coragem para superar tais sentimentos. Faço votos de que sua publicação continue a ter sucesso.

Li, Rei-ming
Saipan



ILUSTRADO POR CLARK KELLEY PRICE

A Coisa de Maior Valor

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Sempre admiro a resposta que o Senhor deu repetidas vezes, por intermédio do Profeta Joseph Smith, a diversas pessoas que perguntaram o que de mais importante poderiam fazer.

O Senhor disse: "E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a Mim e descansar com elas no reino do Meu Pai". (D&C 15:6.)

As escrituras contêm muitos exemplos de homens e mulheres nobres que, com grande dedicação e empenho, levaram a palavra do Senhor aos seus semelhantes. Além desses inspiradores relatos da antigüidade, há também o estoque quase inesgotável de histórias de santos dos últimos dias que consagraram tudo o que tinham para a edificação do reino de Deus.

Um exemplo do século dezenove que sempre me inspirou é o de Dan Jones, o galês que estava com Joseph Smith na noite anterior ao martírio do Profeta. Vale a pena fazer um breve resumo da sua vida.

Dan Jones nasceu a 4 de agosto de 1810 em Halkin, Flintshire, País de



***Acima*: No dia anterior ao seu martírio na prisão de Carthage, o Profeta Joseph Smith prometeu a Dan Jones: "Ainda verás o País de Gales, cumprindo a missão que te for designada, antes de morreres". *Esquerda*: Quando era missionário no País de Gales, Dan Jones pregava o evangelho com grande audácia.**

ILUSTRADO POR CLARK KELLEY PRICE

Gales. Aos dezessete anos, foi iniciado nos segredos do mar. Aprendeu tudo sobre navios e marinheiros, travou conhecimento com ondas levantadas por ventos furiosos, aprendeu a manejar um barco durante tempestades. Em 1840, ele emigrou para os Estados Unidos, onde adquiriu e comandou um barco que viajava pelo rio Mississippi, levando a princípio passageiros de Nova Orleans para St. Louis. Mais tarde, ele perdeu o barco. Em 1842, quando tinha trinta e um anos de idade, esse galês pequeno e robusto possuía metade das ações do Maid of Iowa, um barco com capacidade para trezentos passageiros.

Na época em que negociava no rio, Dan ouviu falar dos mórmons, que haviam sido expulsos do Missouri e encontrado refúgio temporário em Quincy, Illinois, e que estavam trabalhando para estabelecer Nauvoo, "a Bela", num terreno onde o rio fazia uma curva, criando a ilusão de uma península avançando em direção à água. Acredita-se que Dan Jones tenha lido, nos jornais e periódicos da época, alguns artigos desfavoráveis à Igreja, o que lhe despertou a curiosidade e o desejo de saber mais sobre os mórmons. Ele acabou por conhecê-los, foi ensinado e aceitou a verdade. Em janeiro de 1843, foi batizado nas águas frias do rio Mississippi.

Em abril do ano seguinte, conduziu uma embarcação de conversos ingleses pelo rio Mississippi, até Nauvoo. Lá conheceu Joseph Smith. Sentiram estima e respeito mútuos à primeira vista.

Em junho do ano seguinte, Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram presos e levados a Carthage. Quando os outros já haviam adormecido, Joseph Smith sussurrou a Dan Jones: "Estás com medo [de morrer]?" Ele respondeu: "Seria já a hora? Lutando por tal causa, não creio que a morte possa ser tão terrível assim. Não, não estou com medo."

Foi quando Joseph Smith lhe disse, na última profecia de que temos notícia: "Ainda verás o País de Gales, cumprindo a missão que te for designada, antes de morreres".[1]

No dia seguinte, o Profeta pediu ao irmão Jones que fosse entregar uma carta a Orvil H. Browning em Quincy, Illinois, pedindo ao senhor Browning que representasse Joseph e Hyrum em seu julgamento, a realizar-se em breve. Quando o irmão Jones saiu da cadeia e caminhou pela turba, por pouco não perdeu a vida. Enquanto fugia a cavalo, várias balas passaram bem perto dele, mas nenhuma o atingiu. Na pressa perdeu-se e, dessa forma, escapou de uma turba que poderia tê-lo matado. Por fim chegou a Quincy, onde soube da morte de Joseph e Hyrum naquela tarde sufocante de 27 de junho de 1844. Ele sempre amou o Profeta e nunca vacilou em sua lealdade à causa pela qual Joseph dera a vida.

O cumprimento da profecia do Profeta deu-se alguns meses mais tarde, quando Dan Jones foi chamado para o País de Gales. Sua esposa Jane acompanhou-o, e eles viajaram para as Ilhas Britânicas com Wilford Woodruff e outros missionários. O élder Jones foi designado para o norte do país, mas embora falasse tanto o galês quanto o inglês, não teve muito sucesso em tocar o coração das pessoas daquela área. Por outro lado, William Henshaw, que não falava a língua galesa, foi muito bem-sucedido ao sul.

Quando o irmão Henshaw foi desobrigado, um ano depois, o élder Jones foi chamado para presidir todo o trabalho do País de Gales e estabeleceu sua sede em Merthyr Tydfil, no sudeste do país. Embora o número de missionários fosse pequeno, os frutos do trabalho foram notáveis. Entre 1845 e 1848, cerca de 3.600 pessoas foram batizadas. Estima-se que uma em cada 278 pessoas do País de Gales foi batizada na Igreja, naquela época.

Os adversários da Igreja usavam os jornais e outras publicações para atacar os missionários, mas a imprensa não cedia suas colunas a élder Jones. Assim, ele resolveu responder com publicações próprias, e para isso contou com a ajuda de seu irmão, John Jones, ministro protestante que possuía uma prensa tipográfica. Diz-se que John imprimia os materiais para o irmão durante a semana e censurava-o em sua igreja no domingo.

A publicação de Dan Jones foi o primeiro periódico mórmon publicado numa língua que não o inglês.[2] Posto



ILUSTRADO POR PAUL MANN

Embora o número de missionários trabalhando com ele fosse pequeno, os frutos que Dan Jones colheu foram notáveis. De 1845 a 1848, aproximadamente uma em cada 278 pessoas filiou-se à Igreja no País de Gales.

em circulação em 1846, ele tinha como título *Prophwyd y Jubili* ("Profeta do Jubileu"). Sentimos o espírito de sua natureza alegre no artigo inaugural: "Caro leitor, eis que surge uma nova era em nossos dias, sim, a mais extraordinária que já houve, a mais maravilhosa na forma em que foi preparada, a mais nobre em suas obras, a mais gloriosa em seus efeitos, que qualquer outra era. Mais uma vez as chaves douradas dos céus foram confiadas aos homens, para que abram todos os tesouros, desvendem todos os mistérios e esclareçam todos os erros da humanidade. Já se podem ver as portas da eternidade abrindo-se em suas dobradiças. Pérolas ocultas e tesouros antigos e novos estão mais uma vez começando a brilhar diante dos olhos dos homens, como nos dias do Senhor! Que todos os habitantes da terra se regozijem e que todo galês dê ouvidos às boas novas de grande alegria que soam por meio desta última trombeta."[3]

Ele tinha uma técnica missionária curiosa: a de suscitar polêmica (técnica que embora não apropriada hoje em dia, foi bem utilizada por ele naquela época). Ele não temia ninguém e agia com grande audácia. Sobre o seu método, escreveu-se: "Ele freqüentemente anunciava numa determinada localidade, por várias semanas, que estava a caminho, a fim de converter a cidade inteira. Informava o prefeito, a câmara dos vereadores, os ministros e a polícia de suas intenções e fazia com que os membros locais distribuíssem milhares de folhetos. Quando chegava à estação ferroviária, era com freqüência recebido por todas as autoridades da cidade e muitos dos habitantes."[4]

Ministros de outras igrejas atacavam-no. Usavam seus púlpitos e a imprensa. Sobre seu antagonismo Dan Jones escreveu:

"A maioria das histórias contadas sobre o irmão Joseph na América, são aqui atribuídas ao capitão Jones, e muitas vezes ouço pessoas que nunca viram o homenzinho (ele próprio), denunciarem-no sem hesitação como 'uma maldição sobre este país'."[5]

A opinião pública voltava-se contra ele, mas em vez de evitar o confronto, Dan Jones tirava vantagem das controvérsias. Tamanha era a atenção que conseguia atrair, que as pessoas simplesmente tinham de decidir se o evangelho dos mórmons era verdadeiro ou não. Um número crescente de conversos unia-se à igreja, enquanto uma verdadeira tempestade levantava-se contra os mórmons em geral e em especial contra o élder Jones, que foi difamado pela imprensa, insultado nas ruas e teve sua vida ameaçada.

Nessas circunstâncias, ele escreveu: "Eu me deleito na vitória. Vim aqui para lutar pela liberdade espiritual de meus irmãos, e agradeço ao céu . . . porque Ele os está libertando às centenas. Quem, tendo experimentado as delícias da liberdade, diria: 'Basta'!" [6]

Essa foi também a época da reunião dos santos nas Montanhas Rochosas, no oeste dos Estados Unidos. Nauvoo havia sido abandonada e seu templo sagrado profanado e queimado. Deixando para trás o seu lar no Mississippi, os santos atravessaram Iowa, em direção ao rio Missouri, onde fundaram Winter Quarters. Isso foi em 1846. No ano seguinte, a primeira companhia foi

pelo rio Elkhorn e depois pelo rio Platte, onde hoje está situado Nebraska, e, atravessando o planalto de Wyoming, chegaram ao Vale do Grande Lago Salgado. "Vinde a Sião" era o chamado.

Os conversos eram, em sua maioria, extremamente pobres, mas ainda assim deviam economizar para participarem da grande coligação. O primeiro grupo a sair do País de Gales consistia de mais de trezentos santos que, após se reunirem em Swansea, pegaram um barco para Liverpool. Lá o grupo teve que ser dividido, 249 indo no barco *Buena Vista* e 77 no *Hartley*. O élder Jones foi com os irmãos do *Buena Vista*. Somando-se a suas muitas preocupações, sua esposa Jane dera à luz a primeira filha, Cláudia, pouco antes da data da partida. A princípio ficou decidido que ela ficaria e que ele iria buscá-la alguns meses depois, mas quando ele partiu, ela mudou de idéia e embarcou com o bebê, alcançando o marido em Council Bluffs, Iowa.

A viagem de Liverpool a Nova Orleans durou sete semanas. Hoje mal podemos imaginar as dificuldades de uma viagem como essa, com 250 pessoas amontoadas num navio relativamente pequeno, por tanto tempo. Era necessário levar comida para a viagem inteira. Embora a companhia de navegação fosse obrigada por lei a levar provisões básicas de alimento, os passageiros deviam carregar suprimentos adicionais para adicionar às suas refeições.

Em Nova Orleans os passageiros do *Buena Vista* foram transferidos para um outro barco que os levou por via fluvial até St. Louis. Apesar de terem sofrido perdas mínimas durante a longa viagem pelo mar, tinham que enfrentar agora uma epidemia de cólera. Entre Nova Orleans e St. Louis, e depois em outro barco, Missouri acima, até Council Bluffs, cerca de 67 pessoas morreram. Uma pessoa aparentava perfeita saúde num dia e morria no dia seguinte. O barco teve que parar diversas vezes para os sepultamentos.

Em Council Bluffs organizou-se o primeiro ramo de língua galesa da América. Aí os imigrantes também tiveram que lidar com bois e carroções. Eles, que tinham sido mineiros e artesãos, não sabiam conduzir bois ou dirigir carroções por uma estrada que não passava de uma trilha feita pelos sulcos deixados por outros carroções. Eles tiveram que aprender tudo: como engatar e desengatar, como dar ordens aos bois fatigados e como tratar de suas feridas. Eles saíram de Council Bluffs a 13 de julho de 1849 e a viagem rumo ao Vale do Lago Salgado durou 108 dias.

No dia 18 de outubro, uma terrível tempestade de neve atingiu-os quando estavam no Wyoming. Sessenta cabeças de gado morreram. Finalmente, a 26 de outubro eles chegaram ao Vale do Lago Salgado. A viagem de Liverpool à Cidade do Lago Salgado durara oito meses. Um quinto da companhia morrera de cólera e muitos outros se perderam, inclusive alguns cujos testemunhos se enfraqueceram no caminho.

Hoje podemos sair de Londres ao meio-dia e chegar à Cidade do Lago Salgado à noite.

Ao chegar a Utah, Dan Jones fixou residência em Manti, onde foi eleito primeiro prefeito da cidade, em 1851. Um ano depois, contudo, foi chamado para uma segunda missão em sua terra natal e mais uma vez respondeu sem hesitação. Com alguns outros começou a longa jornada rumo ao leste. A 120 quilômetros da Cidade do Lago Salgado, encontrou-se com um grupo de santos galeses indo para o Vale. Eles haviam sido batizados durante sua primeira missão e mal puderam conter a emoção ao reencontrarem o amado líder; estavam a caminho dos vales do oeste e ele, a caminho dos vales do País de Gales. Cantaram, choraram, trocaram palavras de puro afeto e passaram um dia agradável juntos. Antes de partirem, élder Jones deu a William Morgan uma carta a ser entregue ao bispo presidente da Igreja, Edward Hunter. Na carta torna-se evidente a bondade desse admirável homem e seu amor pelos irmãos galeses:

"Estimado Bispo Hunter. Muitos de meus compatriotas estão indo na 13ª Companhia. Não sei como estão, mas talvez seu dinheiro e provisões sejam escassos. Se tal for o caso, ser-lhe-ei grato se suprir as



ILUSTRADO POR CLARK KELLEY PRICE

A 120 quilômetros da Cidade do Lago Salgado, a caminho de sua segunda missão no País de Gales, Dan Jones encontrou-se com um grupo de santos galeses que iam para o Vale do Lago Salgado. Eles mal puderam conter a emoção ao reencontrar o amado líder. Cantaram, choraram e trocaram palavras de puro afeto.

necessidades deles quando chegarem ao Vale, por intermédio do irmão Morgan, e pagar-lhe-ei em Manti, Vale de San Pete." [7]

Segundo um editorial do *Millennial Star*, Dan Jones foi "o maior benfeitor que os galeses já tiveram"[8].

De volta ao País de Gales, élder Jones mais uma vez canalizou toda sua energia para o trabalho. Durante sua segunda missão, cerca de 2000 conversos filiaram-se à Igreja. Foi extraordinário. A essa altura, a Igreja estabelecera o Fundo Perpétuo de Emigração. Por meio desse financiamento e dos navios fretados pela Igreja, era possível viajar de Liverpool até o Vale do Lago Salgado pelo equivalente a aproximadamente 45 dólares. Como mesmo essa quantia era difícil de obter, só devido ao fundo foi possível que esses conversos deixassem sua terra natal e fossem para Sião.

Baseado em experiências próprias, o élder Jones escreveu um folheto dando instruções detalhadas àqueles que desejavam ir. Gosto do conselho que se encontra no parágrafo inicial:

"Primeiramente saldai todas as vossas dívidas da forma correta, ou obtende o perdão dos credores, ou a permissão de pagar no fim de vossa viagem. Sem que tomeis tais providências, não aconselhamos ninguém a emigrar para Sião." [9]

Ele insistia nesse ponto. Honestidade e integridade estavam na essência do caráter desse homem.

Em 1856 ele cruzou o oceano mais uma vez, com um grupo numeroso de santos galeses, que vieram a participar da migração dos carrinhos-de-mão daquele ano fatídico. Eles chegaram ao Vale do Lago Salgado sem grandes aflições, mas as duas companhias que se seguiram, as companhias Willie e Martin, sofreram grandemente em virtude das tempestades de neve por que foram surpreendidas.

O élder Jones não viajou com aquela companhia de carrinhos-de-mão,—foi com um grupo de missionários que voltavam para casa e que dispunham de meios de transporte mais rápidos. Foi esse o grupo que encontrou as companhias Willie e Martin bloqueadas pelas tempestades no Wyoming e levou a notícia a Brigham Young, que imediatamente providenciou ajuda.

"Dan Jones enviou ou conduziu muitos santos galeses para Sião. Eles amavam o Capitão Jones, como o chamavam, e usavam o testemunho dele como base para os deles próprios."

Nesse ponto da sua vida, o irmão Jones já estava com a saúde bastante debilitada, em conseqüência dos seus grandes esforços, vítima de profunda exaustão. Dessa época em diante, sua saúde e vigor diminuíram sensivelmente. Sua amada esposa Jane morreu a 24 de fevereiro de 1861 e ele morreu de tuberculose, aos 51 anos de idade.

Como amigo de Joseph Smith e de Brigham Young, Jones caminhou com profetas. Sua lealdade à causa que eles pregavam era inabalável. Sua dedicação foi inquestionável e seu zelo em pregar o evangelho raras vezes foi igualado. Em 1844 olhara nos olhos dos assassinos de Joseph e de Hyrum, e publicou um relato do trágico acontecimento em sua língua materna. Era persuasivo e vigoroso, tanto na língua inglesa quanto na galesa, ao prestar testemunho do evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Sabia o quanto custava a fé necessária para levar avante o trabalho do evangelho restaurado. Teria dado a vida por ele, na verdade a deu. Seus esforços sobre-humanos, seu empenho infatigável em falar e escrever, suas longas e tediosas viagens pelo mar e pelas planícies, tudo isso tirou-lhe um pouco da força física. Ele nunca se poupou, na causa à qual dedicou sua vida.

Os santos do País de Gales amavam o Capitão Jones, como eles carinhosamente o chamavam. Eles ouviam-no, confiavam nele e seguiam seus conselhos. Aceitavam seu testemunho como base para os deles próprios.

Dezenas de milhares de membros da Igreja, hoje, descendem daqueles a quem ele e seus companheiros ensinaram e batizaram. Quanto ao número de conversos, Dan Jones deve certamente ser incluído entre os missionários mais bem-sucedidos da história da Igreja. Ele dedicou sua vida ao ensino da retidão e à edificação da fé.

Adiciono meu testemunho sobre a grandeza da contribuição do irmão Jones e das eternas conseqüências nas vidas das pessoas quando seguimos as palavras do Senhor e proclamamos o evangelho:

"E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a Mim e descansar com elas no reino de Meu Pai". (D&C 15:6.)

Que todos nós analisemos nossa vida, nosso ambiente e condições, e então, em espírito de oração, com determinação e diligência, nos disponhamos a trazer ao Senhor as almas de nossos familiares, vizinhos e amigos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Senhor disse repetidas vezes que "a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo" (D&C 15:6).

2. Um membro galês do século dezenove, Dan Jones, é admirável exemplo de alguém que consagrou tudo o que tinha à edificação do reino de Deus.

3. O irmão Jones foi difamado na imprensa e sofreu vários atentados, mas isso não o impediu de ensinar o evangelho a milhares de seus patrícios galeses. Ele não se poupava na causa à qual dedicou sua vida após filiar-se à Igreja.

4. Não há limites para nossa contribuição ou para as conseqüências eternas na vida das pessoas, quando ajudamos a trazer almas ao Senhor.

NOTAS

1. Rex LeRoy Christensen, "The Life and Contributions of Captain Dan Jones", tese de mestrado, Universidade Estadual de Utah, 1977, página 17.

2. *Ibid*, página 24.

3. Ronald D. Dennis, tradutor, *Prophet of the Jubilee . . .* (folheto), Provo, Utah: Ronald D. Dennis, 1981, página 1.

4. Christensen, "Life and Constributions of Captain Dan Jones", páginas 39-40.

5. *Ibid*, página 27

6. *Ibid*.

7. Conforme citado por Ronald D. Dennis, em *The Call of Zion*, Provo, Utah: Centro de Estudos Religiosos da Universidade de Brigham Young.

8. Christensen, "Life and Contributions", página 44.

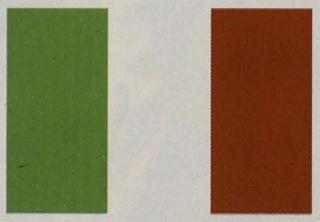
9. Ronald D. Dennis, tradutor, *The Guide to Zion*, Swansea, País de Gales: Dan Jones, 1855, página 1.

ILUSTRADO POR PAUL MANN



ILUSTRADO POR PAUL MANN

NO CAMINHO CERTO EM ROMA



DeAnne Walker

A cidade espalha-se por sobre suas lendárias sete colinas. Roma—com mais de 2500 anos de história e lendas—é hoje uma moderna metrópole com uma população de mais de cinco milhões de habitantes. As ruas estreitas, em algumas partes da cidade, são como labirintos confusos e estão sempre congestionadas, enquanto nas auto-estradas, fora da cidade, carros deslocam-se em velocidades espantosas. Táxis, ônibus e trens tornam ainda mais complicada a movimentação das multidões por esta grande cidade. Viajar *qualquer* distância em Roma pode constituir um problema, e para um jovem SUD isso se verifica especialmente nas tardes de sábado.

Por que as tardes de sábado são tão problemáticas? Porque é aí que estudantes como Adriana Pagnani, 15 anos, Mauro Salerno, 16, Arianna Canzachi, 15, Sara Nardi, 17, e Georgia Romano, 14, do ramo Nomentano, reúnem-se para as aulas do seminário—como fazem os jovens que freqüentam o seminário nos outros três ramos de Roma. Esses estudantes vão à escola seis dias por semana, mas é no sábado à tarde, *depois* das aulas, que eles anseiam por encontrar-se com seus amigos SUD no seminário. Cada um deles percorre uma distância considerável para chegar à capela, e como alguns levariam até duas horas e meia se usassem o transporte público, os jovens contam com a ajuda dos pais, que os levam de carro. Adriana Pagnani explica: "Na Itália não podemos dirigir antes dos dezoito anos. Isso





FOTOGRAFIA DE SCOTT VAN KAMPEN; TODAS AS OUTRAS SÃO DE ALFRED W. WALKER

Em meio aos monumentos antigos de Roma, os alunos do seminário estão edificando vidas dedicadas ao evangelho. *Abaixo, a partir da esquerda*: Adriana Pagnani, Mauro Salerno e Arianna Canzachi. *Acima*: O Coliseu, famoso ponto turístico de Roma.

Nas tardes de sábado os jovens SUD de Roma vão de todas as partes da cidade para o seminário. *À direita*: Cristina Staltari, Franco Salerno (professor do seminário) e Alessandra Fiorillo. *Abaixo, a partir da esquerda*: Giorgia Romano e Alessandra Denti.

significa que dependemos de nossos pais para chegar ao seminário. Quando eles não nos podem levar, não temos como ir".

OPORTUNIDADES MISSIONÁRIAS

Para Mauro Salermo é um pouco mais fácil ir ao seminário, mesmo morando fora da cidade e tendo que viajar cerca de vinte minutos–seu pai é o professor! Mauro relata uma experiência que teve recentemente, que o deixou contente por esforçar-se para freqüentar as aulas do seminário. "Na minha aula de história na escola, tive que fazer uma apresentação oral sobre os judeus e a história de Jesus Cristo", Mauro recorda-se. "Naquela época estávamos estudando Doutrina e Convênios no seminário, assim fiz alguns comentários a mais na minha apresentação. Contei à turma que era membro da Igreja e que estava cursando o seminário. Então falei um pouco mais sobre a Igreja". E com um grande sorriso, ele prossegue: "Tirei nota 8 na apresentação—e nove era a nota máxima!"

Mauro precisou de muita coragem para falar de sua religião com seus colegas, já que ele é o único membro da Igreja na sua escola. Aliás, todos os alunos do seminário do ramo Nomentano são os únicos membros da Igreja nas escolas que freqüentam. Cada um deles estuda numa escola diferente e tem a oportunidade de falar do evangelho a seus amigos não-membros. Arianna Canzachi sempre foi membro da Igreja, mas todos os seus colegas da escola pertencem à Igreja Católica. "Sei que, se eu for um bom exemplo do que acredito, meus amigos entenderão um pouco melhor a minha religião", diz ela.

"Quando participo de atividades sociais, geralmente o faço com amigos da escola", diz Adriana Pagnani. "Às vezes eles fazem perguntas a respeito de minhas crenças, mas nem sempre. Assim, procuro trazê-los ao seminário e à igreja de vez em quando, ou convido-os para atividades da Organização das Moças e sinto que isso é, de certo modo, como ser um missionário.

"O que meus amigos mais me perguntam", diz Mauro, "é qual a diferença entre minha Igreja e a deles."

"Sempre lhes digo que em nossa Igreja há um profeta que tem contato direto com Deus, e que temos o sacerdócio restaurado." Mauro cala-se por alguns instantes e acrescenta: "E eles sempre perguntam o que vem a ser o sacerdócio, e digo-lhes que é o poder de Deus na Terra."

Além de seus esforços individuais para pregar o evangelho, esses jovens santos dos últimos dias de Roma também participam de projetos de serviço com a Organização das Moças e os escoteiros do ramo. Pouco tempo atrás, um grupo de rapazes doou o livro *A Verdade Restaurada* a todas as bibliotecas da região, e as moças estão planejando um projeto de serviço num orfanato de crianças de 2 a 12 anos de idade. "Esperamos que este tipo de projeto se repita com freqüência", diz Adriana Pagnani.

UM EXEMPLO PARA AS PESSOAS

Por morarem tão longe uns dos outros e por enfrentarem tantos problemas de transporte, os jovens SUD dos quatro ramos de Roma encontram muitas dificuldades para se reunirem e terem atividades juntos. Há somente 21 moças no distrito de Roma, que compreende os quatro ramos italianos da cidade, o ramo internacional e cinco ramos de cidades próximas. A irmã Lorenza







Perticaroli, presidente das Moças do distrito, reconhece que, como membros da Igreja, os jovens enfrentam muitos desafios na Itália. "Mas", acrescenta ela, "quando recebem apoio da família ou de amigos, os problemas são bem menores. Para os que não têm esse tipo de apoio, o desafio é maior."

Os alunos do seminário de Roma acham que é preciso muito esforço pessoal para viver o evangelho e ser um bom exemplo para seus amigos não-membros. Cristina Staltari, de 15 anos, do ramo Tuscolano de Roma, diz: "Embora meus amigos às vezes queiram que eu faça coisas que sei que não devo, sempre me recuso, porque acredito que dar continuidade ao meu progresso espiritual é mais importante do que agradar a eles". Esses jovens sabem que os esforços que fazem agora ajudarão a prepará-los para a missão de tempo integral no futuro. "Mal posso esperar para sair em missão". diz Mauro. "Acabo de ser ordenado sacerdote, mas sei que o momento de sair em missão virá muito em breve".

Sim, não é fácil chegar ao seminário numa tarde de sábado, e as turmas são pequenas, mas a juventude SUD de Roma está no caminho certo ao dar o exemplo para todos a seu redor e ao estudar e aprender o evangelho. Um adágio famoso diz: "Todos os caminhos levam a Roma". Mas certamente alguns dos caminhos mais importantes *de* Roma levam à aula do seminário nas tardes de sábado. □



OPOSIÇÃO ALEGRIA & UMA BOA VIDA

Bruce C. e Marie Hafen

A mortalidade presenteia-nos com a necessária mistura de retidão e iniqüidade, felicidade e sofrimento.

Tivemos, por algum tempo, dois belos e peludos gatinhos em nossa casa. Eles viviam num verdadeiro Jardim do Éden, de tão mimados que eram. E eles adoravam—toda aquela comida, abrigo, carinho e amor que lhes dispensávamos. A maior oposição que enfrentaram talvez tenha sido quando nossos filhos os vestiram em roupas de boneca, mas nem isso pareceu incomodá-los tanto.

Certa manhã de sábado, os gatinhos e as crianças estavam despreocupadamente instalados em frente do televisor, desfrutando a boa vida que tinham. Quando desligamos o aparelho e começamos a distribuir as tarefas do dia, nossa filha de oito anos olhou com inveja para os gatos que ronronavam num canto. "Eu não quero fazer minhas tarefas", disse ela. "Eu queria ser um gatinho".

Há dias em que nós também preferimos ser um gatinho, mas nossos primeiros pais deixaram a inocência e a "boa vida" do Jardim do Éden por um motivo glorioso—para terem alegria. (Vide 2 Néfi 2:25). Não dias de constante lazer. Não para bocejar e se espreguiçar diante da televisão por toda a eternidade.

A oposição é parte central da vida terrena. Constitui a diferença básica do que teria sido a vida no Éden e do que é na mortalidade. É a diferença entre ser imaturo e ingênuo, e ser maduro, experiente, com uma

Como nossos primeiros pais, entramos na mortalidade não para ter a "boa vida" encontrada no Jardim do Éden, mas para aprender com as lições da oposição. Em meio aos problemas da mortalidade, encontra-se alegria incompreensível.

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON





Há oposição em Sião, porque há oposição em *todas* as coisas, mesmo nas experiências como casamento e filhos, que apontam para tempos melhores.

compreensão amadurecida. Uma grande diferença da inocência, pois quando há somente inocência, há pouco sentido na vida.

Quando Léhi afirmou que "é necessário que haja uma oposição em todas as coisas" (2 Néfi 2:11), ele não falava somente da necessidade de escolha e de livre-arbítrio, mas da forma em que as forças da oposição se combinam para dar sentido às decisões justas. Sem o sabor do amargo em nossa experiência, não apreciaríamos o sabor do doce. Faltar-nos-ia um ponto de referência, e mesmo as coisas agradáveis da vida pareceriam sem propósito. A mortalidade presenteia-nos com um "composto", uma mistura proposital de retidão e iniqüidade, santidade e miséria, sem os quais "não (teria) a sua criação obedecido a nenhum fim" (2 Néfi 2:11–12).

PROVAÇÕES INESPERADAS

Alguns dos desafios mais difíceis da vida podem surgir quando a oposição aparece onde não a esperamos —como quando achamos que já acabou. Por exemplo: freqüentemente enfrentamos grande oposição como preço da admissão a uma oportunidade promissora, como a missão ou casamento no templo. Muitos santos dos últimos dias são pegos desprevenidos, quando se deparam com oposição onde supunham encontrar um ambiente sem problemas. "Cristianismo sem lágrimas", nas palavras de um escritor, é um estado que muitos de nós esperamos.

Eliza R. Snow dirigiu as linhas de um desafiador hino pioneiro aos que estavam indo para Sião na esperança de deixar para trás todas as suas aflições. As palavras do hino aplicam-se a todos nós, que por vezes embarcamos em experiências novas esperando encontrar a "boa vida".

Não penseis, ao ir para Sião,
Que vossos problemas vão-se acabar,
Que somente conforto e prazer
Estarão lá a vos esperar.

Não penseis, ao ir para Sião,
Que tudo será puro e santo;
Que a fraude e o engano morrerão
Sem demora, por encanto.

Não penseis, ao ir para Sião,
Que o prêmio já foi conquistado,
Que a guerra já foi ganha
E a salvação, alcançada

Não, pois o príncipe das trevas
Dez vezes mais se oporá
Quando vos vir a caminho da fonte
De onde a verdade jorra sem cessar.
(Hinário em Inglês, 1948, não traduzido para o português)

UMA LIGAÇÃO NECESSÁRIA

Há oposição em Sião, porque há oposição em todas as coisas, até mesmo nas experiências que parecem apontar tempos melhores. É o caso do casamento. Muitos supõem que, ao se casarem, todos os seus problemas se resolverão. Uma noiva disse à mãe, no dia do seu casamento: "Como estou feliz, minha mãe! Chego hoje ao fim dos meus problemas!" Também estou feliz, querida", disse a sábia mãe, "mas de que fim estás falando? Teus problemas ainda estão por começar!"

Lembro-me nitidamente de quando nos casamos e tivemos nosso primeiro bebê. Depois de nos tornarmos pais, começamos a entender o que Léhi queria dizer quando afirmou que se Adão e Eva tivessem ficado no Jardim e não tivessem tido filhos, eles "teriam permanecido num estado de inocência, não tendo alegria, por não terem conhecido a miséria" (2 Néfi 2:23).

Essa escritura parece dizer que se eles não tivessem tido filhos, não teriam conhecido o sofrimento. Só os pais de crianças pequenas e de adolescentes conseguem entender isso! Mas a escritura também diz que sem filhos ou sofrimento, eles não teriam tido alegria. Qual é a importância da alegria? Dois versículos depois, Léhi nos diz que "os homens existem, para que tenham alegria" (2 Néfi 2:25).

No nosso caso, eis o que tudo isso significou para nós, num sentido bem trivial. Durante a sua primeira gravidez, Marie passou mal—uma forma pouco comum de se ter alegria. Por vários meses, ela teve fortes enjôos todas as manhãs.

Então quatro semanas antes da data prevista para o nascimento da criança, ela sofreu uma ameaça de aborto, o que a obrigou a ficar de cama por vários dias, causando-lhe várias complicações por causa das aulas a que devia assistir e das que devia dar. Mas chegado o grande dia, até mesmo as dores do parto valeram a pena quando ela pôde, finalmente, segurar nos braços aquele lindo bebê.

Nada poderia ser mais maravilhoso, ela pensou. *O mundo certamente pára quando nasce um bebê tão lindo.*

No dia seguinte, enquanto a orgulhosa mãe acariciava o filhinho no seu quarto de hospital, o médico entrou. Homem muito franco, ele olhou os dois, e disse bem-humorado: "Como se sente agora que a parte mais fácil já passou?"

"A parte mais fácil?"

"Sem dúvida", ele respondeu. Os próximos vinte anos é que serão difíceis."

Hoje, mais de vinte anos depois, encontramos, em meio aos problemas da mortalidade, os doces frutos da alegria em nossa posteridade. Depois de todas as fraldas, machucados, banhos, súplicas, preocupações, lágrimas, risos, noites mal dormidas e orações prolongadas, nós entendemos. Nossos sentimentos em relação à criação dos nossos filhos assemelham-se aos de Amom em relação à obra missionária:

"Este é o relato de Amom e seus irmãos, de suas viagens na terra de Néfi, *seus sofrimentos, suas dores, suas aflições, sua incompreensível alegria*". (Alma 28:8.)

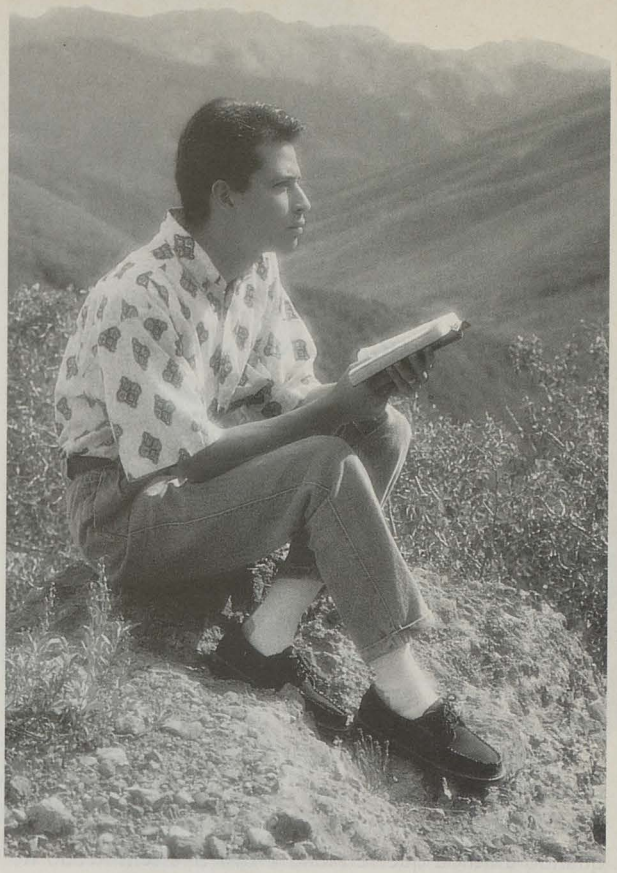
Aqui, nas palavras de Alma, está o composto paradoxal de Léhi.

Há uma ligação entre a dor, a aflição e a *alegria incompreensível*. Sem oposição, "(teríamos) permanecido num estado de inocência, não tendo alegria, por não (termos) conhecido a miséria" (2 Néfi 2:23).

À MEDIDA QUE CRESCEM NOSSOS TESTEMUNHOS

Outra área em que às vezes encontramos oposição ao "irmos para Sião" é o desenvolvimento dos nossos testemunhos. Na verdade, a maioria das perguntas com que nos deparamos à medida que crescem os nossos testemunhos são sinais de que estamos aprendendo mais, e não menos, sobre a verdade.

Aprendi com o falecido Élder Theodore M. Burton, dos Setenta, uma valiosa lição a respeito do crescimento de um testemunho. Ele disse que, em geral, quando pela primeira vez percebemos que o evangelho é verdadeiro, a quantidade de verdade espiritual que conhecemos



Após meses de luta interior, um jovem deixou de lado dúvidas sem resposta e exerceu sua fé. Só assim seu entendimento aumentou.

pode ser representada por um pequeno círculo do tamanho da cabeça de um alfinete.

À medida que nosso conhecimento do evangelho aumenta, o círculo cresce. Quando nosso conhecimento atinge um certo grau de maturidade, o círculo pode estar do tamanho de uma moeda, muitas e muitas vezes maior que nossa primeira cabeça de alfinete. Quando comparamos esses dois círculos num pedaço de papel, tanto o pequeno testemunho quanto o testemunho maior estão rodeados por grandes espaços em branco, que representam o desconhecido.

À proporção que nosso conhecimento aumenta em relação ao desconhecido, dá-se algo inesperado. O círculo maior tem uma circunferência maior e, portanto, maior contato com o desconhecido. Assim, há muitos mais pontos de onde dúvidas podem surgir. Mas é por meio dessas "dores de crescimento", ao lidarmos com a oposição, que nosso conhecimento e compreensão aumentam mais rapidamente, principalmente nos nossos primeiros anos de Igreja.

UM CORAÇÃO CONFIANTE

Um jovem membro começou a ter algumas dúvidas em relação ao evangelho, que surgiram no decorrer do detalhado estudo que fez de determinado assunto. Quanto mais estudava, mais perguntas sem resposta apareciam. Ele ficou frustrado, porque se dispusera a achar uma resposta completa para cada pergunta que aparecesse, mas não pôde fazê-lo.

Começou a achar que, se não podia sanar todas as suas dúvidas, talvez já não fosse digno de freqüentar a Igreja. Mas ao mesmo tempo, amava a Igreja e tinha uma fé inabalável na realidade de Jesus Cristo.

Após alguns meses de luta interior, decidiu deixar de lado suas dúvidas sem resposta e exercer a fé. Ele simplesmente teria um coração confiante. Sua fé começou a crescer novamente, nem tanto pelos conhecimentos novos, mas pelas novas experiências com as pessoas. Ele falou do evangelho a alguns amigos do trabalho e aceitou um cargo de professor na sua ala. Descobriu que suas tentativas de ajudar os outros a entenderem o evangelho aumentaram seu próprio entendimento. Sua gratidão renovada pelo que conhecia sobrepujou as frustrações pelo que não conhecia, e a alegria que sentia antes começou a voltar. Felizmente, ele recusou-se a desistir quando se deparou com a oposição. Aprendeu com a luta e tornou-se mais forte. O momento decisivo para ele foi quando parou de preocupar-se com os próprios problemas e passou a ajudar os outros com os deles.

UMA LUTA QUE DUROU A VIDA INTEIRA

Encontramos na vida do Presidente Spencer W. Kimball um exemplo comovente do tipo de oposição que

nos persegue mesmo quando todas as probabilidades nos fariam acreditar estarmos fora do seu alcance.

O Presidente Kimball lutou a vida inteira contra oposições de todas as formas. Ele teve tantos problemas de saúde, que certa vez escreveu um poema para a sua "amiga dor".

A certa altura, o irmão Russell M. Nelson, na época cirurgião cardíaco ainda na ativa, examinou o Presidente Kimball, que era então o presidente do Quórum dos Doze. O Presidente Kimball precisava urgentemente de uma operação, mas em virtude de sua idade avançada, o Dr. Nelson disse à Primeira Presidência que não podia garantir o sucesso da cirurgia.

Quando os membros da Primeira Presidência comunicaram ao Presidente Kimball que achavam que ele deveria submeter-se à operação, apesar dos riscos, ele disse que seu maior temor era sair da operação incapacitado para realizar seu trabalho.

Mas ele seguiu o conselho e submeteu-se à arriscada cirurgia. As autoridades gerais deram ao Dr. Nelson uma bênção especial. Durante a cirurgia, que correu sem problemas, o Dr. Nelson teve a forte impressão de que o Presidente Kimball seria, um dia, o presidente da Igreja.

Depois da miraculosa operação, o Presidente Kimball continuou, contra todas as previsões, a levantar sua voz, afetada pelo câncer, como um farol na noite. Como o amávamos! Como oramos, gratos ao Senhor por ter poupado sua vida tantas vezes!

Mas os problemas do Presidente Kimball não acabaram aí. Por vários anos, antes de sua morte, ele esteve impossibilitado de falar à Igreja e de cuidar de todos os seus deveres. O que ele mais temia realmente aconteceu—sua saúde debilitada impediu-o de desempenhar todas as suas funções. Como ele deve ter sofrido! Se alguém tão fiel quanto o Presidente Kimball continuou a sofrer oposição já nesse estágio de sua vida, não é de se admirar que nós também a tenhamos.

Nos últimos anos da vida do Presidente Kimball, os membros da Igreja sentiam por ele um amor especial. Havia a grata lembrança dos tempos em que sua voz peculiar e penetrante soava como um chamado claro nas conferências gerais, um tipo de profunda admiração por sua grande coragem, quase aquele tipo de sentimento íntimo compartilhado somente pelos membros de uma mesma família.

ELE CONSAGROU SUAS DORES

Em tudo isso, havia mais que um traço de alegria para os membros da Igreja—descobrimos o rico significado de ter estado juntos em combate, o tipo de alegria gerada pela gratidão por ter um amigo que tocou e mudou a nossa vida. Nesse contexto pessoal e solidário, encontramos maior significado ao refletir sobre os conselhos que o Presidente Kimball nos deu, no decorrer dos anos, sobre missão, pureza, arrependimento, o milagre do perdão e o acesso universal ao sacerdócio. Sentimos alegria e tristeza ao mesmo tempo, cheios de esperança e, contudo, cheios de dor. Houve uma mistura de sentimentos quando Deus consagrou suas dores para o nosso benefício.

Filiar-se à Igreja, casar-se, ter filhos, cumprir missão, desenvolver testemunhos—muitas vezes temos que vencer muitos obstáculos antes mesmo de viver tais experiências. Por esse motivo é natural que achemos que, uma vez adquirido o direito de passar pela experiência, viveremos felizes para todo o sempre. Mas não é bem isso o que ocorre.

Experiências novas podem seguramente levar-nos a viver com certa alegria; mas a verdadeira e completa alegria, assim como a graça, só vem "depois de tudo o que pudermos fazer" (2 Néfi 25:23). Realmente, a alegria, como a graça, vem em meio a experiências contrárias, pois ela faz parte da complexa estrutura da vida. A alegria não é uma alternativa à oposição, é parte de um composto que resulta da nossa luta com os desafios e condições da mortalidade. □

Bruce C. Hafen é reitor-adjunto da Universidade Brigham Young. Sua esposa, Marie, serve na Junta Geral da Organização das Moças.

TRINTA ANOS

COMO PROFESSORA VISITANTE

Irma de MacKenna



Irmã MacKenna quando era uma jovem professora visitante

Sei que o programa de professoras visitantes é inspirado. Quanto mais vivo, mais evidências encontro de que ele é um dos meios pelos quais o Senhor deseja que as mulheres demonstrem amor através do serviço. E acredito que todas aquelas que atenderem a este chamado com um coração humilde terão experiências maravilhosas.

Fui batizada há mais de trinta anos em Quilpué, Chile, e durante todos esses anos tenho visto o constante crescimento do reino de Deus nesta parte do mundo. Esse crescimento notável faz-me lembrar da parábola ensinada por Cristo, quando ele disse que uma pequena porção de fermento faz com que toda a massa cresça. De modo semelhante, nós, professoras visitantes, colaboramos para o crescimento do reino do Pai Celestial ao ensinarmo-nos umas às outras em amor.

VISITAS OPORTUNAS

Minha primeira companheira como professora visitante foi a Irmã Necochea. Fomos as duas primeiras pessoas a aceitarem o evangelho em Quilpué. Agora, há uma estaca e um grande distrito aqui, mas, naqueles tempos, percorríamos longas distâncias para visitar as irmãs. Uma delas, Mercedes, era casada com um marinheiro que quase sempre estava longe de casa. Ela vivia com os cinco filhos num terreno elevado, próximo a um riacho. A bela casa tinha um sólido alicerce e era preciso subir cinco ou seis degraus para se chegar à porta. Dois cães fiéis guardavam a casa.

Num certo inverno muito chuvoso, o riacho próximo à casa transformou-se num caudaloso rio que transbordou e inundou os terrenos próximos, arrastando casas, animais e todo tipo de objetos. Quando o pior havia passado, a Irmã Necochea e eu fomos visitar Mercedes. Ela chorou de alegria ao ver-nos e, emocionada, contou como sua família havia sido preservada.

A testa da neta sangrava profusamente. Peguei uma toalha e apertei o ferimento com bastante força enquanto minha companheira rapidamente pegou casacos a fim de tomarmos um táxi até o hospital.

ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINBORG



ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINBORG

Durante aqueles dias tempestuosos, ela observara aflita o rio continuar a subir. Então, certa noite, os cães, presos lá fora, começaram a latir desesperadamente. Ela abriu a porta e, para seu desespero, o terreno transformara-se num lago. Teve que andar com água até os joelhos, a fim de soltar os cães e levá-los para dentro de casa.

Acordou os dois filhos mais velhos, que tinham entre dez e doze anos, e fez com que se vestissem. Os três olhavam horrorizados para a porta aberta, enquanto a água cobria os degraus da entrada, um por um. Então ajoelharam-se e clamaram ao Senhor. A água parou dois degraus abaixo da porta e não subiu nem mais um centímetro. Não tiveram que deixar a casa. Como foi maravilhoso para minha companheira e para mim ter ido confortar Mercedes e ouvir aquela experiência inspiradora!

A própria Mercedes tornou-se uma dedicada professora visitante. Ela e a companheira, Olga Barros, visitavam uma irmã idosa que vivia com a filha, deficiente mental. Certo dia, quando Mercedes e Olga chegaram, encontraram a filha aflita e perplexa. Ela disse que a mãe sentiu-se cansada após o almoço e deitou-se para descansar. Quando foi chamá-la, ela não acordava. Foi naquele exato momento que as professoras visitantes chegaram.

Como eu morava perto, Mercedes foi correndo chamar-me enquanto Olga massageava a velhinha. Chamamos um médico e fizemos tudo o que estava ao nosso alcance até que ele chegasse. Que bênção foi as professoras visitantes terem chegado no momento certo para chamar o médico e acalmar a filha apavorada!

INSTRUMENTOS EM SUAS MÃOS

Numa outra ocasião, minha companheira e eu visitávamos duas irmãs que moravam com a mãe. Ambas desejavam muito que esta se batizasse e, toda vez que íamos visitá-las, chamavam-na para a sala. Mas a resposta era sempre: "Estou ocupada", ou "Tenho muito o que fazer", em um tom inamistoso.

Num dia muito frio—estávamos enregeladas, cansadas e quase sem coragem para terminar as visitas—a última visita seria à casa de uma senhora não muito simpática. Mas, quando ela abriu a porta, seu semblante transformou-se. Sua netinha acabara de cair e cortara a testa, que sangrava profusamente acima da sobrancelha. Peguei uma toalha e apertei o ferimento com bastante força enquanto minha companheira rapidamente pegou casacos a fim de tomarmos um táxi até o hospital. Enquanto a menina era devidamente atendida, confortamos a avó e cuidamos da outra criança. Depois levamos todas para casa. Essa senhora acabou batizando-se na Igreja e tornando-se professora visitante.

UM FORTE SENTIMENTO

Raramente prevemos de que maneira o Senhor nos usará como instrumentos em suas mãos. Certa ocasião, quando minha companheira estava fora da cidade, minha filha, Elizabeth, acompanhou-me nas visitas. Como era época de Natal, fizemos biscoitos e os embrulhamos em papel celofane, enfeitando-os com uma fita vermelha e um raminho de pinheiro. Colocamos todos os pacotinhos numa sacola e fizemos nossa oração. No último instante, tive um forte sentimento de que deveria levar um pacote a mais e coloquei-o na sacola.

Depois de fazermos várias visitas, chegamos à casa de uma irmã que morava com o filho casado e a família, todos membros da Igreja. Uma outra senhora idosa, parecendo muito cansada, estava lá, entregando roupas. Seu nome era Margarita e ganhava a vida como lavadeira. Sabendo como esse trabalho é pesado, dei-lhe o outro pacotinho de biscoitos e desejei-lhe um Feliz Natal. Com lágrimas nos olhos, ela disse-me que vivia completamente só e que aquele seria o único presente que ganharia.

Falei-lhe sobre o Senhor Jesus Cristo, explicando que se ele estiver conosco, não nos sentiremos solitários.

Com lágrimas nos olhos, ela disse-me que vivia completamente só e que aquele seria o único presente que ganharia.



Disse-lhe também que ela era uma filha de Deus e que ele a amava da mesma forma que um pai terreno ama seus filhos; que, se ela o buscasse, seria recebida de braços abertos. Disse muitas outras coisas. Seu rosto iluminou-se e ela concordou em receber a visita dos missionários.

No mês seguinte, quando voltamos àquela casa, Margarita estava lá novamente. Abraçou-nos e disse: "Agora posso realmente chamá-las de irmãs. Fui batizada na semana passada".

UMA CARTA E UMA PRECE

Todos os meses, visitávamos uma linda jovem que morava com os pais. O pai, também membro da Igreja, estava doente e pediu-nos que orássemos por ele. Depois que a filha se mudou, ele disse que gostaria de continuar a receber nossas visitas. Em duas ocasiões, nós o levamos ao hospital e, depois que voltou para casa, continuamos a visitá-lo por quase três anos.

A companhia de construção naval em que trabalhava fez com que se aposentasse por causa da doença. Deviam-lhe uma boa soma de dinheiro, da qual ele precisava muito. Ele havia solicitado em vão aos antigos superintendentes que lhe pagassem. Ofereci-me para escrever uma carta em seu favor à alta administração da companhia. Após orar pedindo inspiração, escrevi uma carta detalhada, descrevendo a difícil situação em que se encontrava. Oramos e também colocamos seu nome na lista de oração do templo.

O Senhor realmente opera maravilhas em prol de seus filhos. Pouco tempo depois, foi-lhe comunicado que a companhia pagaria todas as despesas, de forma retroativa. Ele teve o necessário para viver bem o restante de seus dias. A esposa, que antes não falava conosco, mudou completamente e acabou batizando-se na Igreja. Ela contou-nos que decidira ouvir o evangelho por causa de nossa dedicação em visitar sua família. Menos de um mês após ela ter sido batizada, o marido faleceu, e ficamos a seu lado naqueles momentos difíceis.

Eu poderia prosseguir contando experiências maravilhosas, pois, ao longo dos anos, tive o privilégio de visitar muitos lares em diversas partes da cidade. Foi bom ajudar, encorajar e ouvir as irmãs, levando uma humilde mensagem em nome do Senhor. O que mais me emociona é sentir que ele caminha ao nosso lado. Sempre volto para casa com o coração exultante. No momento, visitamos uma irmã de noventa e quatro anos. Ela não pode mais sair de casa e senta-se ao lado da janela da pequena casa todos os meses para nos esperar. Fica tão feliz por ter com quem conversar! Nós a amamos muito e jamais a desapontaríamos.

UM GRANDIOSO EXÉRCITO DE IRMÃS

Houve uma época da vida em que pensei que não precisava de professoras visitantes. Tinha um forte testemunho do evangelho e não enfrentava grandes problemas. Mas, uma vez, fiquei sozinha na véspera de Natal. Meu marido estava ocupado fazendo compras e todos os meus filhos estavam casados, morando fora do país, com exceção de uma filha que não poderia estar conosco. A casa estava tão vazia sem os abraços dos meus netinhos! Não costumo sentir pena de mim mesma, mas, naquela noite, sentei-me na sala, no escuro, e deixei as lágrimas rolarem. Naquele exato momento a campainha tocou. Eram as professoras visitantes! Minhas irmãs queridas haviam vindo desejar-me Feliz Natal. Foi como se o próprio Senhor estivesse me dizendo que eu não estava sozinha.

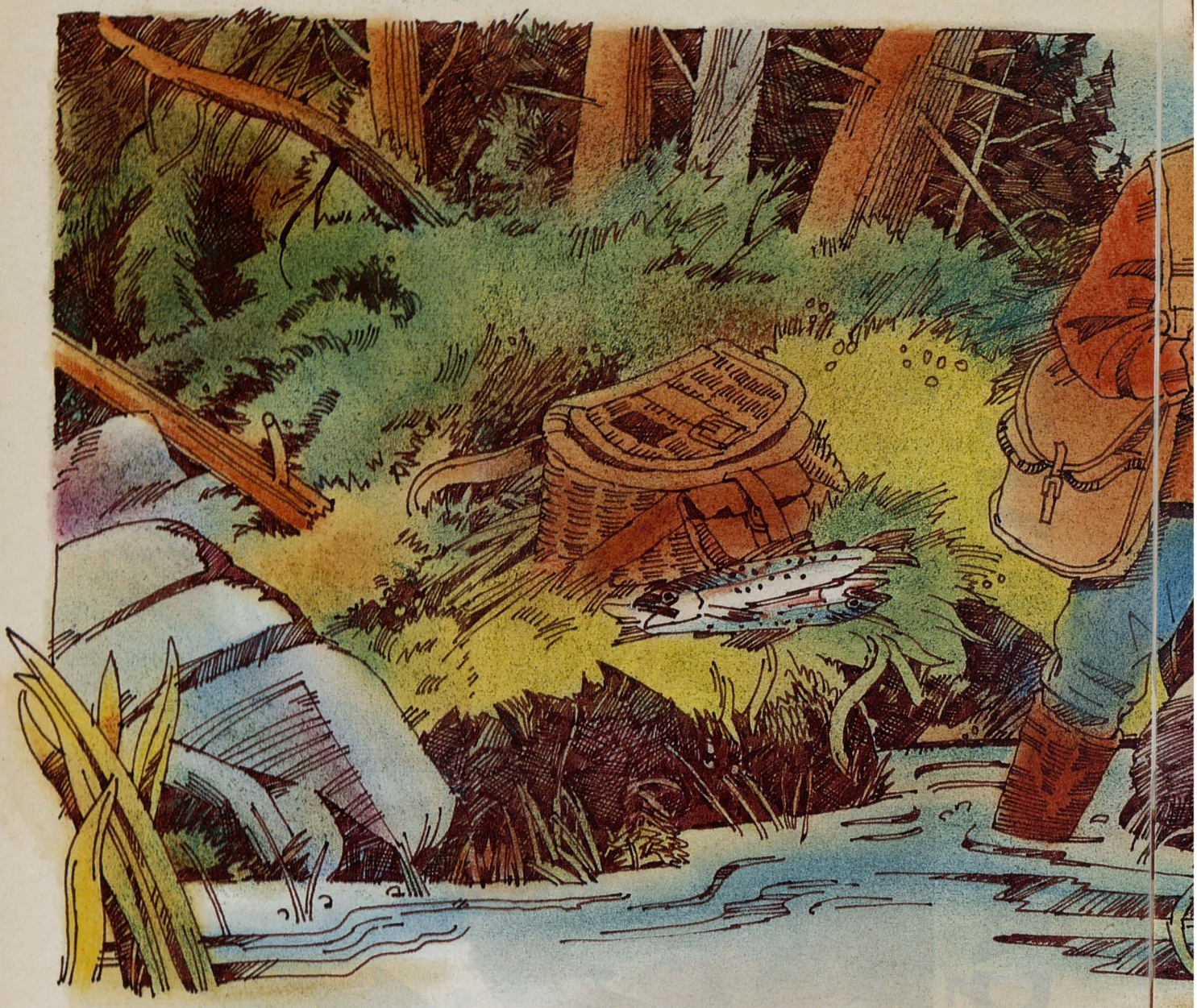
Depois da visita, meu estado de ânimo era completamente diferente. Acendi as luzes, coloquei meu melhor vestido, decorei a mesa e preparei um jantar especial. Quando meu marido chegou, comemoramos juntos e demos graças por estarmos vivos e com saúde.

Essas irmãs maravilhosas servem ao Pai Celestial de tantas maneiras! Todos os meses, um grande exército delas, das mais variadas raças e nacionalidades, percorre as ruas e atalhos do globo. Armadas apenas com amor e fé, batem às portas das irmãs que lhes são designadas e, com um sorriso alegre, dizem: "Somos suas professoras visitantes". □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1994





REVERÊNCIA NAS

Carol Alley Welsh

Jeff e o pai estavam imóveis como estátuas enquanto um esquilo mordiscava migalhas de pão na mão do pai. Outro esquilo aproximou-se correndo e reclamou sua porção; depois, bateu os dentes de prazer ao encontrar migalhas nas mãos de Jeff também. Jeff e o pai já estavam sentados debaixo da árvore há cerca de uma hora. Dois cervos entraram com cuidado na clareira próxima, observando-os timidamente.

Jeff adorava ficar nas montanhas com o pai. Enquanto caminhavam até o local do acampamento, o pai ensinou-



ILUSTRADO POR DICK BROWN

S MONTANHAS

lhe os nomes das flores silvestres e mostrou-lhe onde um castor arrancara a casca de uma árvore. Depois do jantar, sentaram-se calmamente no topo de um outeiro e observaram o pôr-do-sol.

Estavam justamente aconchegando-se nos sacos de dormir, com as estrelas brilhando sobre eles, quando o barulho de uma música de "rock" e o rugir do motor de um carro tiraram a tranqüilidade da noite.

Um grupo de pessoas parou no acampamento próximo e todos ficaram acelerando o motor, gritando e dizendo



palavrões. Jeff observava, consternado, enquanto quebravam galhos de árvores para fazer uma fogueira e, depois, xingavam-se uns aos outros porque o fogo não pegava na madeira verde. Depois de muito tempo, Jeff conseguiu pegar num sono agitado.

Bem cedo, na manhã seguinte, mal tinha nascido o sol e Jeff já estava à beira do lago, pescando seu primeiro peixe. Estava tão entusiasmado que mal podia ficar parado enquanto o pai tirava o anzol e colocava o peixe no cesto. Quando o sol iluminou o topo das árvores nas montanhas distantes, os pássaros cantavam com ânimo e alguns esquilos corriam por perto. A beleza da cena fez Jeff ter vontade de gritar de alegria.

Pensando sobre a noite anterior, indagou: "Pai, por que aquelas pessoas agiram daquele modo na noite passada? Pareciam odiar-se uns aos outros, o local e as outras pessoas acampadas".

"Talvez nunca tenham aprendido a ser respeitosos e reverentes", sugeriu o pai.

"O que reverência tem a ver com isso? Essa é uma palavra que se usa na igreja."

O pai ficou em silêncio alguns instantes, enquanto pensava. "Eu amo a natureza. A reverência que tenho pela natureza é um pouco parecida com a que demonstro ao Pai Celestial. Amo tanto as montanhas que procuro conhecê-las melhor. Aprendi o nome das flores silvestres, dos pássaros e das árvores. Aprendi a andar e a sentar-me em silêncio para poder observar os animais. Recolho gravetos para fazer fogueira em todos os locais onde os encontro, para não estragar o que existe aqui e tomo muito cuidado quando faço uma fogueira. Faço tudo o que posso para mostrar reverência pelo que aqui existe e faço o possível para que minhas atividades não interfiram com o entretenimento dos outros na área. Quanto mais venho aqui, mais amo este lugar. Depois de vir às montanhas, sinto-me bem comigo mesmo. Sempre vou embora sentindo paz. A reverência que tenho pelo Pai Celestial é semelhante, só que mais forte."

"Acho que entendo", respondeu Jeff. "Quando amamos o Pai Celestial, queremos aprender tudo o que pudermos sobre ele. Fazemos tudo para mostrar respeito por ele. Quanto mais o conhecemos e reverenciamos, mais o amamos."

"Certo; e depois de adorar ao Pai Celestial e de orar a ele, sinto-me bem acerca de mim mesmo."

"E as crianças na igreja que conversam e brincam durante as aulas e não prestam atenção?"



"Bem, replicou o pai, "quando alguém não é reverente na Igreja, pode ser que não se sinta muito bem acerca de si mesmo, e deseje atrair a atenção sobre si, em vez de dar atenção ao Pai Celestial."

"É por isso que Jarede se comporta como um menino irritante e convencido?" indagou Jeff. "Às vezes, detesto ficar perto dele."

O pai colocou o braço ao redor de Jeff. "Bem, poderia ajudar Jarede a ser mais reverente, sendo seu amigo. Talvez pudéssemos trazê-lo aqui conosco algum dia. Quando alguém não é reverente, geralmente sabe que está fazendo algo errado e sente-se ainda pior."

"É por isso que Jarede está sempre tentando chamar atenção?"

"Pode ser. Quando alguém não respeita o Pai Celestial, é difícil para o Espírito Santo ajudá-lo a amar ao Senhor e a si mesmo."

Jeff ficou pensativo um instante. "Também precisamos do Espírito Santo para termos um testemunho. Quando não somos reverentes, deve ser difícil ter um testemunho".

O pai deu-lhe um abraço. "Isso mesmo! Agora, olhe para o sol! Está na hora de cozinhar um peixe para o desjejum".

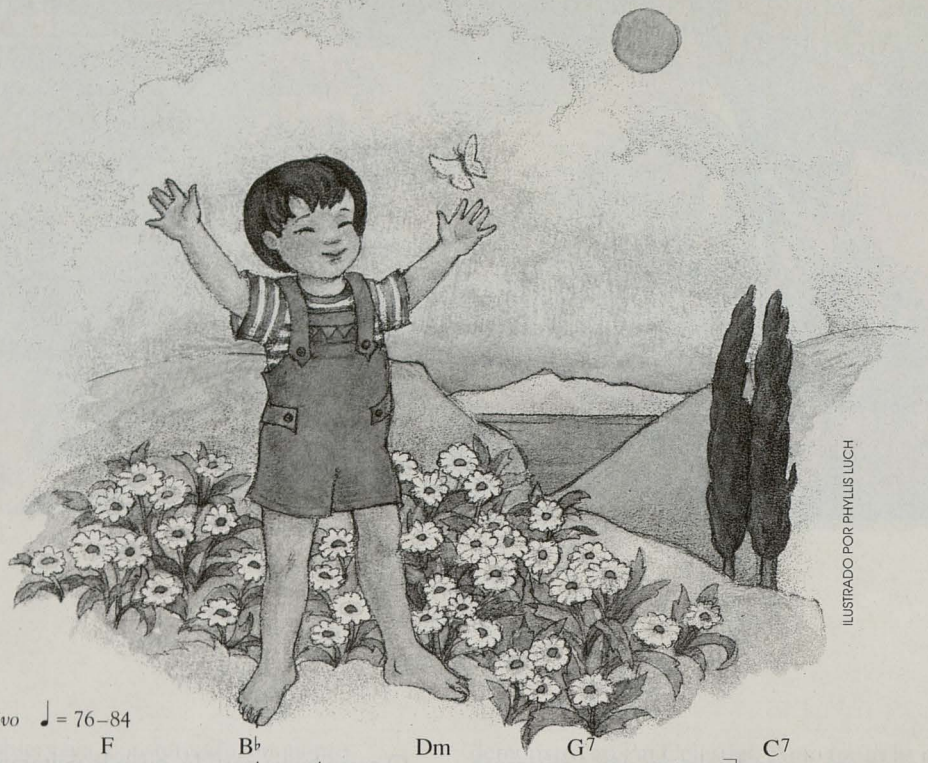
O carro havia partido, quando voltaram do lago. Jeff ficou perplexo com a confusão deixada no acampamento. Havia latas, papéis e galhos quebrados por todo lado. A fogueira que conseguiram finalmente acender, jogando gasolina em galhos de árvores, ainda queimava, e um arbusto fora completamente esmagado onde o carro estacionara.

O pai pegou um saco de lixo e ambos começaram a limpar a área. "Fico pensando", disse Jeff, "se alguma vez um cervo já chegou perto daquelas pessoas para observá-las, ou se um esquilo já comeu na mão delas."

"Duvido", disse o pai. "Queria saber se eles gostam mais de si mesmos hoje. Acha que eles realmente sabem quão lindas são estas montanhas?"

Depois do desjejum de peixe, panquecas e chocolate quente, pai e filho certificaram-se de que o local estava limpo e a fogueira bem apagada. Jeff deitou-se de bruços para sentir mais uma vez o cheiro gostoso e penetrante da relva, antes de partirem. Estava cheio de amor pelas montanhas, pelo pai e por Deus. "Sabe, pai", disse ele, "algumas pessoas pensam que reverência significa apenas ficar quieto. Acho que isso é triste. Reverência significa muito mais do que isso". □

O Amor do Salvador



ILUSTRADO POR PHYLLIS LUCH

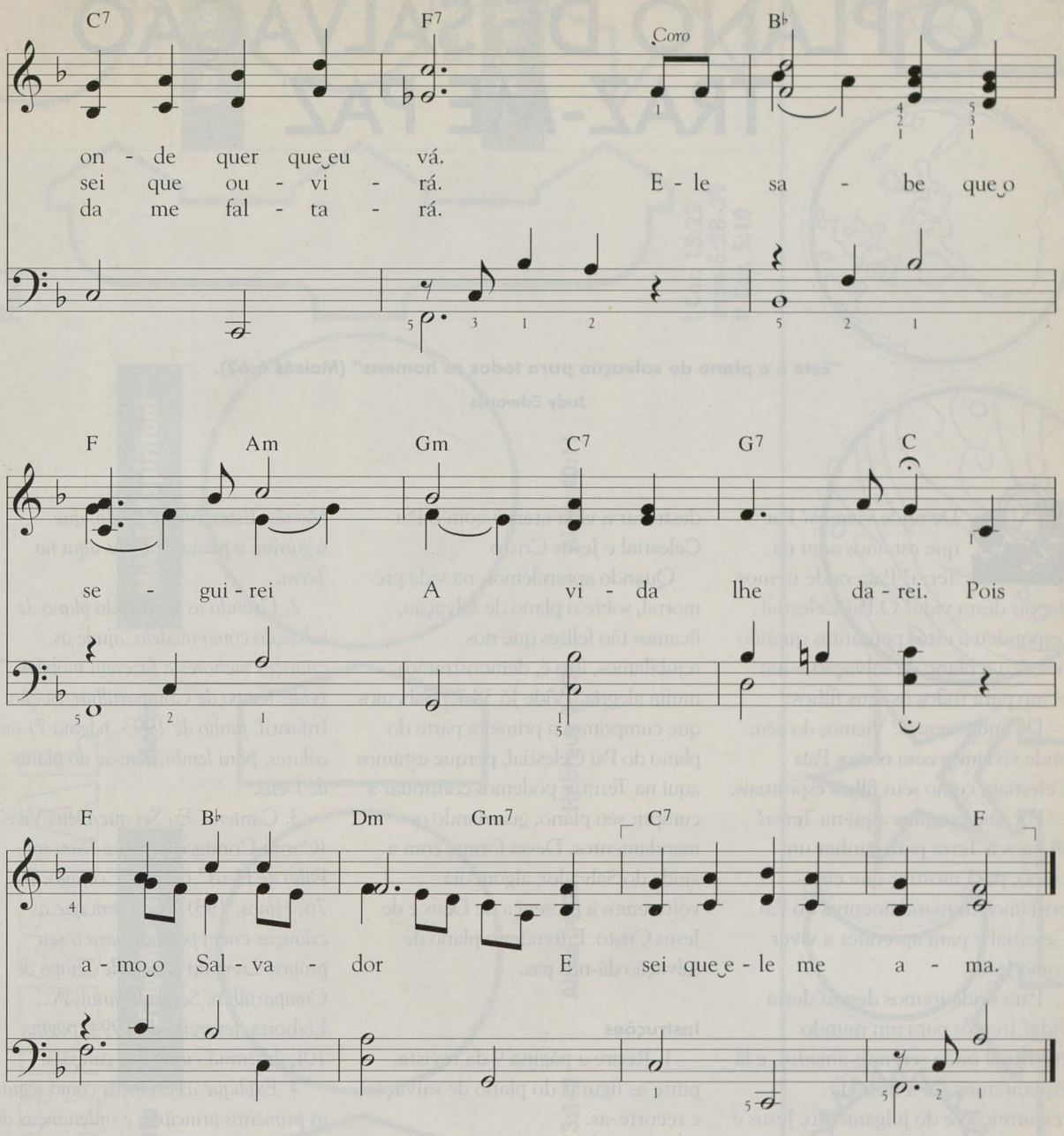
Expressivo ♩ = 76–84

F B♭ Dm G7 C7

1. O a - mor do Sal - va - dor Eu sin - to em to - da
2. O a - mor do Sal - va - dor Em paz me en - vol - ve a
3. O a - mor do Sal - va - dor É mi - nha mai - or

F (C7) F B♭ Dm Gm7

par - te E sin - to seu ca - lor A -
al - ma E as mi - nhas o - ra - ções Eu
bên - ção E - le é meu Bom Pas - tor, Na -



4. O amor do Salvador
Eu quero ir repartindo
Servindo sou feliz
Recebe mais quem dá.

Letra: Ralph Rodgers, Jr., n. 1936; K. Newell Dayley, n. 1939; e Laurie Huffman, n. 1948
Música: K. Newell Dayley, n. 1939

João 15:10–12

Copyright © 1979 Sonos Music, Orem, Utah. Usado com permissão.
Todos os direitos reservados. Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fim comercial.

O PLANO DE SALVAÇÃO TRAZ-ME PAZ

"Este é o plano de salvação para todos os homens" (Moisés 6:62).

Judy Edwards



De onde viemos? Por que estamos aqui na Terra? Para onde iremos depois desta vida? O Pai Celestial respondeu a estas perguntas quando nos deu o plano de salvação—um plano para todos os seus filhos:

De onde viemos? Viemos do céu, onde vivíamos com nossos Pais Celestiais, como seus filhos espirituais.

Por que estamos aqui na Terra? Viemos à Terra para ganhar um corpo, para mostrar que cumpriríamos os mandamentos do Pai Celestial e para aprender a viver como Jesus.

Para onde iremos depois desta vida? Iremos para um mundo espiritual onde seremos amados, e lá esperaremos até a hora da ressurreição e do julgamento. Jesus é o Salvador e pagou por todos os nossos pecados. Quando fazemos oito anos e nos tornamos responsáveis, temos fé, arrependemo-nos e somos batizados, nossos pecados são perdoados. No céu há três reinos distintos, ou graus de glória: o teleste (mais baixo), o terrestre (do meio) e o celeste (mais alto). Se formos fiéis e guardarmos os mandamentos, iremos para o reino celeste, para desfrutar a vida eterna com o Pai Celestial e Jesus Cristo.

Quando aprendemos, na vida pré-mortal, sobre o plano de salvação, ficamos tão felizes que nos rejubilamos, isto é, demonstramos muita alegria. (Vide Jó 38:7.) Sabemos que cumprimos a primeira parte do plano do Pai Celestial, porque estamos aqui na Terra, e podemos continuar a cumprir seu plano, guardando os mandamentos. Dessa forma, com a ajuda do Salvador, algum dia voltaremos à presença de Deus e de Jesus Cristo. Entender o plano de salvação dá-nos paz.

Instruções

1. Retire a página 9 da revista, pinte as figuras do plano de salvação e recorte-as.

2. Recorte o quadro do plano de salvação e cole-o numa cartolina.

3. Leia as referências de escrituras e cole as figuras nos locais apropriados do quadro.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Use gravuras e peça às crianças que contem ou representem histórias de personagens das escrituras, como José, Moisés, Ester, Néfi e Paulo, que seguiram o plano de Deus aqui na Terra.

2. Usando as figuras do plano de salvação como modelo, ajude as crianças menores a fazerem móbiles (vide Tempo de Compartilhar, Seção Infantil, *junho de 1993, página 7) ou colares, para lembrarem-se do plano de Deus.*

3. Cantem "Eu Sei que Deus Vive" (Cante Comigo, *B-39) e "Sou um Filho de Deus"* (Cante Comigo, *B-76; Hinos, 193). Faça com que as crianças criem páginas para o seu próprio Livro da Paz (vide Tempo de Compartilhar, Seção Infantil,* A Liahona, *fevereiro de 1994, página 10), ilustrando uma das canções.*

4. Explique às crianças como seguir os primeiros princípios e ordenanças do evangelho e estudar as escrituras ajuda-nos a guardar os mandamentos e a viver como Jesus. Faça-as cantarem músicas da Primária relacionadas com este tema.

5. Convide um membro fiel (homem ou mulher), da ala ou ramo para prestar testemunho e relatar experiências sobre como o plano de Deus e sua orientação ajudam-no (na) em sua vida. □

ILUSTRADO POR NEIL BROWN

ILUSTRADO POR NEIL BROWN

O PLANO DE SALVAÇÃO DO PAI CELESTIAL

Vida pré-mortal

Jó 38:4,7

Nascimento

Eclesiastes 3:1–2

Vida Mortal

Alma 34:32

Morte

Hebreus 9:27

Mundo Espiritual

Alma 40:11

Ressurreição e Julgamento Final

I Cor. 15:22
João 5:28–29
II Cor. 5:10

Reino Celeste



D&C 76:70

Reino Terrestre



D&C 76:71

Reino Teleste



D&C 76:81



AMIGOS EM NO



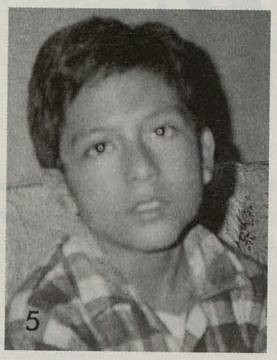
As crianças do Ramo Piña, em Guayaquil, Equador, gostariam de enviar afetuosos cumprimentos a todas as crianças do mundo! Elas têm estudado o Livro de Mórmon e, com essa leitura, sua fé e testemunho cresceram.


1


2


3


4


5


6



Lena, Nora, Kirstin, Daniel e Benjamin são membros da classe dos Valorosos B na Ala Graz, Estaca Viena Áustria. Querem cumprimentar todas as crianças da Primária de todo o mundo. Sua língua natal é o alemão, mas eles estão também aprendendo a falar inglês.


7


8


9


10


11


12

TÍCIA

1. Gabriel Figuera Pizarro, 11 anos, de Caracas, Venezuela, é grato por suas muitas bênçãos, especialmente por ser membro da Igreja. É grato também pelo bom exemplo que os pais lhe dão.

2. Farid A. Tafur, 11 anos, de Bogotá, Colômbia, adora ler as escrituras, especialmente o Livro de Mórmon. Ele está se preparando para receber o sacerdócio quando fizer 12 anos.

3. Josenia Bellorin, 7 anos, é de São Felipe, Venezuela. Ela gosta muito de ir à Primária e de participar das noites familiares. Seu passatempo preferido é pintar.

4. Isabel Margarita Valdés Silva, 11 anos, mora em Santiago, Chile. Ela está na classe das Garotas Felizes da Primária. Ela quer ser médica quando crescer.

5. Isaac Dueñas Llantop, 10 anos, de Lima, Peru, cumprimenta todas as crianças do mundo. Isaac gosta de ir à escola e quer ser piloto.

6. Isabelle Rose'n, 9 anos, de Gavle, Suécia, toca piano e têm dois amigos em outros países, com quem se corresponde. Ela também está aprendendo a falar inglês.

7. Larry Sanchez Melendez, 6 anos, de Trujillo, Peru, é um menino muito amoroso e quer cumprimentar todas as crianças do mundo.

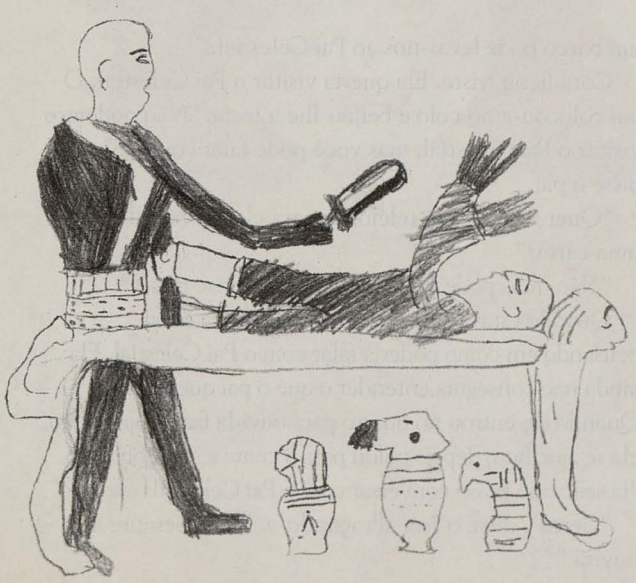
8. Sylvia Schwing, 12 anos, mora em Donaueschingen, Alemanha. Seus passatempos são a leitura e os animais, especialmente os coelhos e cavalos.

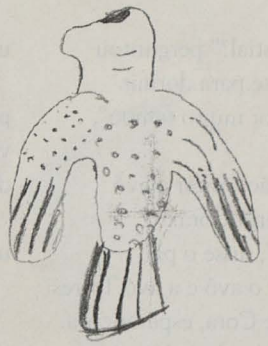
9. David Turner, 11 anos, de Liverpool, Inglaterra, gosta de acampar, nadar e praticar esportes, especialmente rugby e futebol americano. Sua história favorita das escrituras é a do Capitão Morôni.

10. Rebeca Ramirez Togno, 3 anos, de Tampico, México, gosta de cantar o hino "Somos os Soldados". Ela ora todos os dias antes de comer e antes de dormir.

11. Johanna Lilja, 12 anos, de Jorvas, Finlândia, está estudando inglês a fim de preparar-se para a missão. Ela gosta de correr, velejar, orientar-se por mapas e bússola, andar de bicicleta e a cavalo.

12. Pedro G. Acevedo, 8 anos, de Fairview, Porto Rico, gosta de natação, leitura e videogames. Ele não tem medo de falar sobre a Palavra de Sabedoria nem de prestar testemunho. □





Julia Belén Rey, 10 anos, de Escobar, Argentina, desenhou esta passagem de Pérola de Grande Valor. Ela também gosta de patinar, andar de bicicleta e escrever cartas.



COMO CONVERSAR COM O PAI CELESTIAL

Jill Campbell

"Podemos visitar o Pai Celestial?" perguntou Cora ao pai, preparando-se para dormir.

"Provavelmente não por muito tempo", respondeu o pai.

"No verão passado, fomos de avião visitar a avó Helena. Podíamos ir de avião", sugeriu Cora.

"De avião não dá para chegar lá", disse o pai.

"No Natal, fomos de trem visitar o avô e a avó Torres. Talvez pudéssemos ir de trem", disse Cora, esperançosa.

"Creio que um trem também não poderia levar-nos até lá", disse o pai.

"Às vezes, vamos de carro visitar amigos", comentou Cora. "Vamos de carro ou então . . . já sei, vamos de barco." Cora lembrava-se do passeio de barco que fizeram pelo rio.

"Infelizmente, disse o pai, "nem mesmo um carro ou um barco pode levar-nos ao Pai Celestial."

Cora ficou triste. Ela queria visitar o Pai Celestial. O pai colocou-a no colo e beijou-lhe a testa. "Não podemos visitar o Pai Celestial, mas você pode falar com ele", disse o pai.

"Quer dizer, posso telefonar para ele, ou mandar-lhe uma carta?"

"Não, mas pode fazer outra coisa. Pense nisso."

Quando estava pronta para dormir, Cora ficou pensando em como poderia falar com o Pai Celestial. Ela ainda não conseguia entender o que o pai queria dizer. Quando ele entrou no quarto para ouvi-la fazer sua oração, ela se ajoelhou, depois pulou para a cama e abraçou o pai. "Já sei como posso conversar com o Pai Celestial: orando!"

"Certo", disse o pai, abraçando-a. "E ele sempre a ouvirá." □



ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

Cada um Deve Ter Seu

Élder Glenn L. Pace
dos Setenta

Quando eu era criança, dependia extremamente de minha irmã mais velha. Por exemplo: eu era enjoado para comer e, quando íamos visitar nossos avós, sempre me ofereciam uma comida de que eu não gostava. Quando a travessa com o alimento chegava até mim, voltava-me para minha irmã e perguntava: "Collene, eu gosto disso?"

Se a comida fosse familiar e ela soubesse que eu não gostava daquilo, ela dizia: "Não, não gosta."

Se fosse algo que nunca havíamos comido, ela dizia: "Espere um minuto", e provava. Depois, dizia-me se eu gostava ou não. Se ela dissesse que eu não gostava, nada era capaz de persuadir-me a comer aquilo.



eu Próprio Testemunho

Assim como precisei desenvolver meu próprio paladar e parar de recusar bons alimentos simplesmente porque minha irmã dizia que eu não gostaria deles, devemos todos banquetear-nos com o fruto do nosso próprio testemunho e não com o de outras pessoas.

Precisamos também aumentar nossa capacidade de receber revelação pessoal.

Isso acontece quando exercemos fé no Senhor e Salvador, arrependemo-nos dos nossos pecados, lemos e realmente ponderamos as escrituras, oramos, procuramos maneiras de ajudar o próximo e compartilhamos o evangelho. Durante as conferências gerais e em muitas outras ocasiões, somos ensinados pelos profetas, videntes e reveladores do Senhor. Quando seguimos os conselhos das Autoridades Gerais, preparamo-nos para ir ao templo, onde recebemos mais poder para sobrepujar os pecados do mundo e "permanecer em lugares santos" (Doutrina e Convênios 45:32). □

(Adaptado de um discurso da Conferência Geral de Outubro de 1992.)

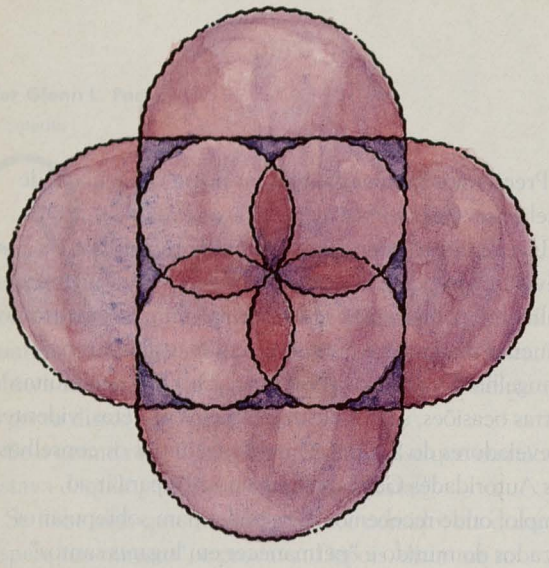


ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

SEGREDOS DO CORAÇÃO

Susan Curtis

Quantos corações estão escondidos nesta figura?



LABIRINTO

Roberta L. Fairall

Ajude a abelhinha a encontrar um caminho no canteiro de flores para achar sua amiguinha.



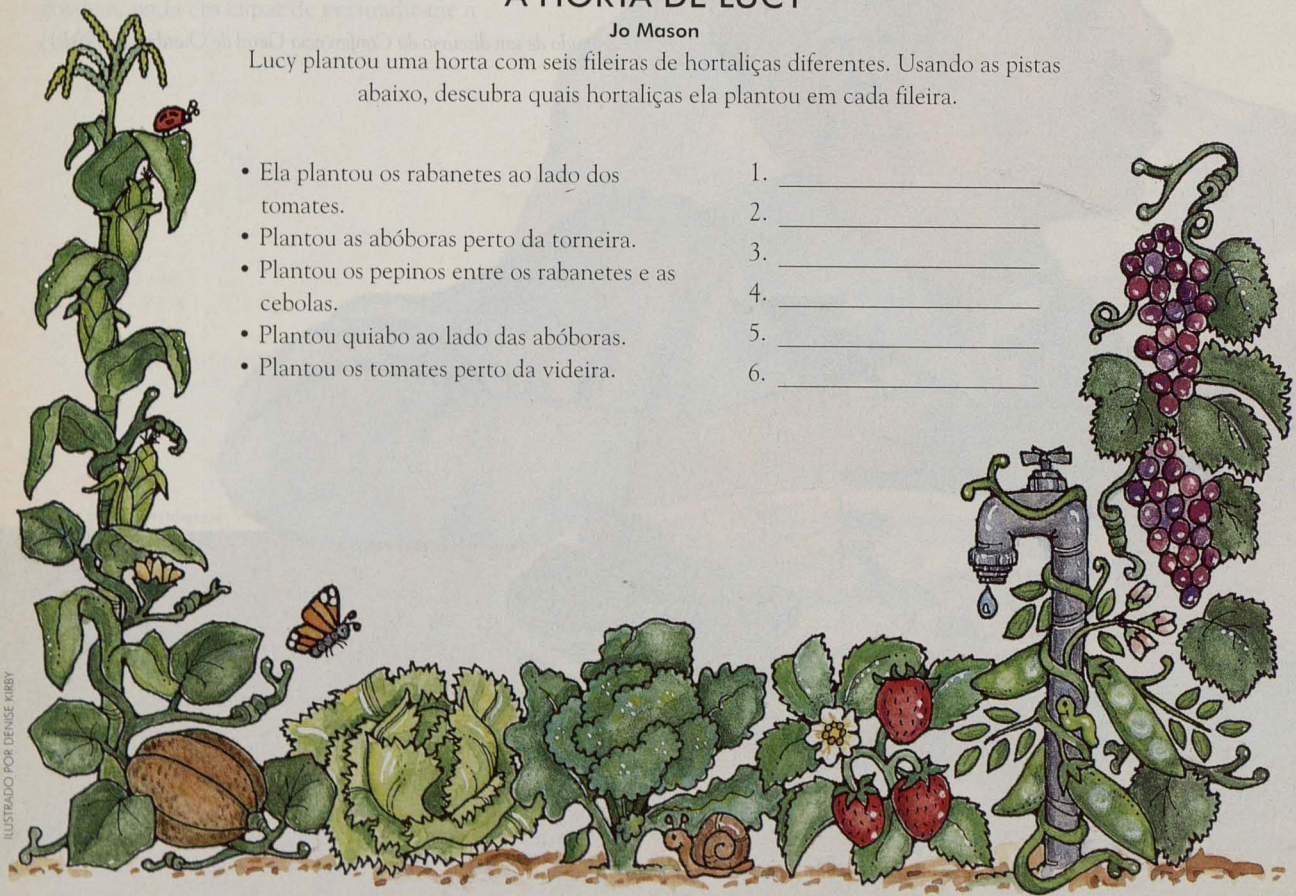
A HORTA DE LUCY

Jo Mason

Lucy plantou uma horta com seis fileiras de hortaliças diferentes. Usando as pistas abaixo, descubra quais hortaliças ela plantou em cada fileira.

- Ela plantou os rabanetes ao lado dos tomates.
- Plantou as abóboras perto da torneira.
- Plantou os pepinos entre os rabanetes e as cebolas.
- Plantou quiabo ao lado das abóboras.
- Plantou os tomates perto da videira.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____



ILUSTRADO POR DENISE KIRBY

Segredos do Coração: Oito. A Horta de Lucy: (1) tomates, (2) rabanetes, (3) pepinos, (4) cebolas, (5) quiabo, (6) abóboras.

O DOM DO ESPÍRITO SANTO

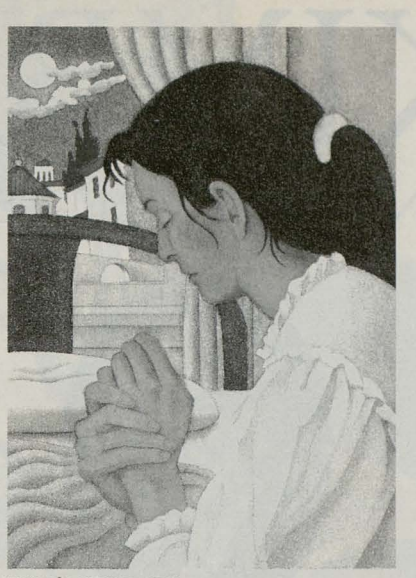


ILUSTRAÇÃO DE KRISTY MORRIS

Quando Jesus saiu das águas do batismo, o Espírito Santo, descendo como pomba, veio sobre ele. (Vide Mateus 3:16.) Símbolo da verdade, pureza e paz, a pomba, com sua beleza, relembra-nos as bênçãos do dom do Espírito Santo. Todo aquele que é batizado na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias recebe esse dom maravilhoso pela imposição das mãos.

O ESPÍRITO SANTO TESTIFICA A VERACIDADE DO EVANGELHO

O Espírito Santo é um consolador, orientador, mestre e testificador. Por seu poder podemos "saber a verdade de todas as coisas" (Morôni 10:5) e obter um testemunho de Jesus Cristo. "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (I Coríntios 12:3).

O Espírito Santo também testifica a veracidade das escrituras e dos profetas. "Quando li o Livro de Mórmon", diz a Irmã Flori Cobo de Lumbreras, de Cádiz, Espanha, "senti um enorme desejo de perguntar a Deus se esse livro era verdadeiro, se Joseph Smith era realmente um profeta e se Deus queria que eu me filiasse à Igreja.

Durante umas quatro ou cinco horas, debati-me de um lado para o outro da cama, perturbada, sem conseguir dormir, e, finalmente, ajoelhei-me ao lado da cama e comecei a clamar ao Pai. A resposta veio-me ao coração com grande força. Quanta alegria! Quanta paz! Um sentimento doce tomou conta do meu ser".

- *Que verdades o Espírito Santo já vos testificou?*
- *Como vos sentis quando tendes a companhia do Espírito Santo?*

O ESPÍRITO SANTO PODE SER UM COMPANHEIRO CONSTANTE

Alma faz-nos uma pungente pergunta: "E agora, . . . se haveis experimentado uma mudança em vossos corações, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eis que, quisera perguntar-vos: Podeis agora sentir isso?" (Alma 5:26). Para termos a companhia do Espírito Santo, precisamos trabalhar continuamente, pois sua presença depende de nossa retidão. Ele só terá influência sobre nós se formos humildes, fiéis e obedientes. Devemos esforçar-nos por guardar os mandamentos, para podermos ouvir a "voz mansa e suave".

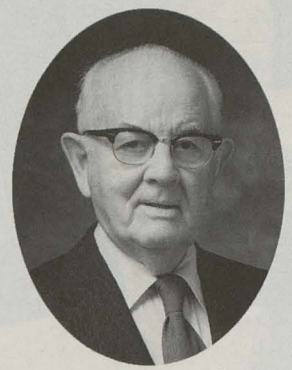
Pam, uma irmã que ficou inativa durante anos, descobriu ser isso verdade quando, dia após dia, procurou modificar sua vida e arrepender-se dos erros do passado que tanto a atormentavam. Ao buscar sinceramente a companhia do Espírito Santo, passou a fazer orações mais significativas e a guardar os mandamentos do Senhor. Por causa de sua fé, esperança e arrependimento, sua vida foi tocada e modificada pelo Espírito Santo, o que a levou, por fim, a receber as bênçãos do templo.

A companhia do Espírito Santo faz nossos corações transbordarem de alegria e paz. "Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo". (Romanos 15:13). Se procurarmos ser dignas da companhia do Espírito Santo e se dermos atenção a seus sussurros, receberemos orientação, ajuda, consolo e confirmação.

- *Quando o Espírito Santo se afasta de nós?*
- *Como podemos ter sua companhia novamente?* □

SPENCER W. KIMBALL

ELE NÃO SE ENTREGOU



Petrea Kelly

Na primavera de 1972, o Presidente Spencer W. Kimball, que servia como Presidente Interino do Quorum dos Doze Apóstolos, estava muito doente. O câncer na garganta havia retornado e o coração ameaçava parar devido a uma artéria obstruída e a uma válvula que estava funcionando mal. Ele tinha setenta e sete anos de idade. A evolução do câncer foi interrompida com tratamento de cobalto e os médicos recomendaram um complicado procedimento cirúrgico em seu coração, com poucas chances de sucesso.

Numa reunião com seus médicos e o Presidente Harold B. Lee, da Primeira Presidência, o Presidente Kimball, extenuado, disse: "Sou um homem velho e pronto para morrer". Ele ponderava se, em sua idade, faria sentido lutar tanto para estender sua vida quando, talvez, seu tempo houvesse terminado. O Presidente Lee levantou-se e disse, energicamente: "Spencer, foste chamado! Não deves morrer! Deves fazer tudo o que for necessário para cuidar-te e continuar vivendo".

Spencer não se entregou à morte. Ele não era um homem que desistia, por mais difícil que fosse a tarefa.

UM TEMPO DE MUDANÇA

A cirurgia foi realizada com sucesso. Durante sua recuperação, o Presidente Joseph Fielding Smith faleceu. Dezoito meses mais tarde, o Presidente Harold B. Lee também faleceu e Spencer W. Kimball tornou-se o décimo segundo Presidente da Igreja. Considerando sua idade e saúde precária, a maioria das pessoas esperava que sua administração se restringisse a um curto período de transição. Em vez disso, foi uma vigorosa época de milagres. Durante os doze anos seguintes, segundo o Élder Neal A. Maxwell, "tinha-se sempre a impressão de que o Presidente Kimball estava no quilômetro seguinte, esperando que a Igreja o alcançasse. Apesar de sorrir e acenar para nós, ele gostaria de que nos tivéssemos movido mais do que

Uma noite, aos quatorze anos, Spencer acendeu a lamparina a carvão e óleo e leu o primeiro capítulo de Gênesis. Um ano mais tarde, ele fechou a Bíblia, "tendo lido todos os capítulos desse grande e glorioso livro".

ILUSTRADO POR PAUL MANN



ILUSTRADO POR PAUL MANN

apenas um pouco mais rapidamente".

Ele falou da importância do trabalho missionário e desafiou-nos a "alongar o passo." Disse ele: "Parece-me que o Senhor escolheu bem as palavras quando disse: 'toda nação', 'toda terra', 'partes mais longínquas da terra', 'toda língua', 'todo povo', 'toda alma', 'todo o mundo', 'muitas terras'". Ele exortou-nos a orar para que os líderes de governos opressores tivessem os corações abrandados e deixassem os missionários entrar em seus países. O número de missionários dobrou e quase três milhões de pessoas uniram-se à Igreja. Quando faleceu, 60 por cento das estacas da Igreja haviam sido criadas durante sua gestão como Presidente.

Ele enfatizou a importância do trabalho no templo e o número de templos aumentou de quinze para trinta e sete, com vários outros anunciados ou em construção.

Salientou a importância da família como unidade básica da Igreja e um novo horário de reuniões, nos domingos, foi introduzido, para que as famílias pudessem passar mais tempo juntas.

Um novo hinário em inglês foi publicado, tornando-se mais tarde padrão para várias edições em outras línguas.

Pregou a importância do estudo das escrituras e foram publicadas novas edições das obras-padrão em inglês, com referências remissivas mais extensas e um melhor "topical guide" (N. do T.—Um guia para estudo das escrituras, em ordem alfabética, inserido na Bíblia editada pela Igreja, em inglês). As pessoas e as famílias foram incentivadas a estudarem as escrituras. Duas revelações foram acrescentadas às escrituras: a visão do reino celestial, dada a Joseph Smith (D&C 137), e a visão da redenção dos mortos, dada ao Presidente Joseph F. Smith (D&C 138).

O Primeiro Quorum dos Setenta foi formalmente organizado e ampliado, de modo que passou a haver mais Autoridades Gerais para assumir as responsabilidades de uma igreja mundial em rápido desenvolvimento. Homens de meia dúzia de nações foram chamados para esse Quorum. Todas as Autoridades Gerais, incluindo o Presidente Kimball, viajaram extensamente e foram realizadas conferências de área em várias cidades de seis continentes.

Contudo, o momento mais emocionante talvez tenha ocorrido em junho de 1978, quando o Senhor revelou que era chegada a hora de estender o sacerdócio aos homens dignos de todas as raças. (Vide D&C Declaração Oficial–2.)

QUANDO ELE SUSSURRAVA, NÓS PRESTÁVAMOS ATENÇÃO

Qualquer bom professor sabe que uma das melhores maneiras de atrair a atenção dos alunos é sussurrar. O Presidente Kimball sussurrava, não porque queria, mas porque o câncer havia eliminado a maioria de suas cordas vocais. E ele conseguia nossa atenção! Nós ouvíamos cuidadosamente seus inspirados conselhos:

"Descobri que, quando não dou a devida atenção ao meu relacionamento com a divindade e quando parece não haver ouvidos divinos ouvindo ou vozes divinas falando, é que estou muito, muito distante. Se mergulho nas escrituras, a distância encurta e a espiritualidade retorna."

"Cultivai todo o alimento que vos for possível em vossos próprios lares."

"Nós vos pedimos que limpeis vossas casas e terrenos. . . . Fazei de vossas propriedades algo belo de se olhar."

"Toda pessoa deve fazer um diário e toda pessoa pode fazer um diário."

"O sofrimento pode santificar as pessoas ensinando-as a terem paciência, perseverança e autodomínio."

"O casamento pode ser bem-sucedido, desde que o egoísmo não esteja presente."

"O espetáculo de uma nação orando é mais espantoso e mais poderoso do que a explosão de uma bomba atômica."

"A segurança não nasce da riqueza inesgotável, mas da fé inextinguível."

"Eu sei que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivo e que ele foi crucificado pelos pecados do mundo. Ele é meu amigo, meu Salvador, meu Senhor, meu Deus."

ANOS DE PREPARAÇÃO

Com certeza o Senhor havia preparado Spencer W. Kimball exatamente para este tempo, pois



Por causa de seu grande amor pelas pessoas, o Presidente Kimball passava longas horas aconselhando aqueles que se haviam tornado fracos pelo pecado ou que lutavam contra adversidades.

sabia de seus incomparáveis talentos, vira-o crescer através de muitas provações e sabia ser ele o homem com capacidade para liderar a Igreja numa época de tal crescimento e impulso.

Ele nasceu em 28 de março de 1894, na Cidade do Lago Salgado, sendo o sexto filho de Andrew e Olive Woolley Kimball. Quando tinha três anos de idade, seu pai foi chamado para ser presidente da Estaca St. Joseph, no sudeste do Arizona, e a família precisou mudar-se, empreendendo uma viagem de quatro dias em direção ao sul.

Spencer desenvolveu-se no Vale Gila, mas também aprendeu sobre a dor. Lá, sua mãe morreu quando ele tinha apenas onze anos. Quatro de suas irmãs também morreram.

A Primeira Guerra Mundial frustrou suas esperanças de continuar os estudos, mas ele serviu como missionário no centro dos Estados Unidos e, mais tarde, casou-se com Camilla Eyring, que era professora. Eles tiveram três filhos e uma filha. Ele iniciou sua própria companhia de seguros, participava ativamente dos negócios da comunidade e serviu em diversos cargos na Igreja, como regente de música, secretário de estaca e presidente de estaca.

PERSISTÊNCIA RECOMPENSADA

Uma experiência da juventude conta-nos muito a respeito de sua personalidade e de suas aptidões. Quando Spencer tinha quatorze anos, foi a uma reunião em que o orador perguntou à congregação quantos dos presentes haviam lido a Bíblia. Ele sentiu-se desprezível por

não poder levantar a mão. "Naquela mesma noite, ao final do sermão, fui para casa, a uma quadra de distância, subi para meu pequeno quarto no sótão, na parte mais alta da casa, acendi uma lamparina a carvão e óleo que ficava sobre a pequena mesa e li os primeiros capítulos de Gênesis. Um ano mais tarde, fechei a Bíblia, tendo lido cada um dos capítulos desse grande e glorioso livro".

Ele aprendeu a trabalhar árdua e continuamente na fazendola de seu pai; e não era do tipo que se entregava facilmente. Quando foi chamado para o Quorum dos Doze Apóstolos, em 1943, ficou chocado, desconcertado e sentiu-se humilde para o cargo. Em seu primeiro testemunho como Apóstolo, na conferência geral de outubro de 1943, testificou:

"Lembro-me de haver lido que Jacó lutou toda a noite, 'até que a alva subia', para receber uma bênção; e quero dizer-lhes que, durante oitenta e cinco noites, tenho passado por essa experiência, debatendo-me para receber uma bênção. Por oitenta e cinco noites, 'a alva que subia' encontrou-me ajoelhado, orando ao Senhor para que me ajudasse, me fortalecesse e me elevasse à altura dessa grande responsabilidade que se me adveio."

O anúncio da revelação de junho de 1978 também ilustra sua paciência: "Imploramos fervorosamente em favor desses nossos fiéis irmãos, passando muitas horas no Salão Superior do Templo, suplicando ao Senhor orientação divina.

Ele ouviu nossas orações e, por revelação, confirmou que chegou o dia, há muito prometido, em que todo homem fiel e digno na Igreja pode receber o santo sacerdócio" (D&C Declaração Oficial–2).

Talvez a paciência e a persistência de Spencer W. Kimball fossem justamente as qualidades necessárias para trazer ao mundo esta grande bênção do Senhor.

"EU AMO AS PESSOAS"

Num discurso dirigido a um grupo de militares, pouco depois de ser chamado para o Quorum dos Doze Apóstolos, o Élder Kimball expressou seu sentimento de humildade e surpresa por receber tal chamado. Disse, porém: "Não sei exatamente por que o Senhor me chamou, mas eu tenho um talento a oferecer. Meu pai ensinou-me a trabalhar e, se o Senhor pode usar um trabalhador, eu estou à disposição".

Ele tornou-se uma lenda por sua energia, suas longas horas de trabalho e pelo modo com que aplicava a si mesmo seu lema—"Faça". Sempre evidente em sua vida, porém, estava o grande amor que sentia pelas pessoas. Com efeito, ele sempre descrevia a si próprio dizendo: "Eu amo as pessoas".

Tinha um amor especial pelos lamanitas. Em sua bênção patriarcal foi-lhe dito: "Pregarás o evangelho a muitas pessoas, mas mais especialmente aos lamanitas". Quando era membro do Quorum dos Doze, recebeu a responsabilidade da missão indígena e, mais tarde, das missões sul-americanas. O Presidente George Albert Smith deu-lhe o encargo especial de cuidar dos índios de todo o mundo.

São abundantes as histórias a respeito de sua gentileza e amabilidade. Um dia, num movimentado aeroporto, vários vôos foram cancelados por causa da neve e milhares de pessoas ficaram detidas. Uma jovem mãe e a filha de dois anos de idade esperavam em fila após fila, tentando comprar uma passagem. A criança estava cansada e com fome e a mãe, grávida, não podia carregá-la. Quando a menina sentou-se no chão, choramingando, a mãe empurrou-a para a frente com o pé. As pessoas que estavam atrás dela, na fila, murmuravam críticas e ela sentia vontade de chorar.

Foi então que um homem se aproximou, com um sorriso gentil, e disse: "Minha jovem, parece-me que precisa de ajuda". Ele tomou a criança nos braços, confortou-a e deu-lhe uma goma de mascar. Depois conversou com as outras pessoas da fila sobre a difícil situação da jovem mãe e concordaram em deixá-la passar para a frente da fila. O homem acompanhou-a até o avião. Já a bordo, ela pensou: "Que homem maravilhoso; e nem sei seu nome". Alguns dias mais tarde, ela viu a fotografia dele em um jornal e descobriu que se tratava do



O Presidente Kimball viajou por vários países, realizando conferências de área, dedicando templos—levando as bênçãos da Igreja a um número de pessoas cada vez maior por todo o mundo. Seu amor, que se dirigia a todas as nacionalidades, levou-o a buscar a revelação que estendeu o sacerdócio a todos os homens dignos, membros da Igreja.

Élder Spencer W. Kimball, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Em outra ocasião, na América do Sul, no curto espaço de tempo entre as sessões da conferência, um bispo perguntou se o Élder Kimball podia abençoar um homem que estava morrendo num hospital. Eles "voaram" para o hospital e, correndo, subiram as escadas e atravessaram o saguão. Quando entraram no quarto, relembra o bispo, "houve uma surpreendente mudança. Élder Kimball parecia ter todo o tempo do mundo". Fizeram a visita sem qualquer pressa, abençoaram o homem e despediram-se. Ao fecharem a porta, correram para o carro e "voaram" de volta para a conferência.

Muitas pessoas internadas em hospitais foram abençoadas e confortadas por um Spencer Kimball mais doente do que elas, durante as suas várias hospitalizações. Certa vez ele disse: "Minha vida é como meus sapatos—para ser usada em serviço até gastar-se".

Ele passava uma grande parte de seu tempo aconselhando pessoas que se haviam tornado fracas pelo pecado, ou que estavam lutando contra adversidades. A dor e a alegria que compartilhou com elas inspiraram-no a escrever os livros "*O Milagre do Perdão*" e "*Faith Precedes the Miracle*" ("A Fé Precede o Milagre", sem tradução para o português), os quais, por sua vez, inspiraram muitos membros da Igreja.

ELE NÃO SE ENTREGOU

Se Spencer W. Kimball tivesse morrido com a idade de setenta e sete anos, teria tido uma vida maravilhosa como missionário, marido, pai, homem de negócios, secretário de estaca, presidente de estaca e, por trinta anos, Apóstolo. Suas várias lutas contra a saúde débil, sua gentileza e sua amorosa sabedoria teriam permanecido como um monumento a ele.

Entretanto, numa idade em que a maioria das pessoas se aposentam e descansam, ele recebeu o maior desafio que pode ser dado a um homem. Ele aceitou um chamado que nunca esperara receber e magnificou-o de tal maneira que milhões de pessoas, vivas e mortas, foram abençoadas. □

FONTES

1. Edward L. Kimball, "Spencer W. Kimball", em *The Presidents of the Church*, publicado por Leonard J. Arrington, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1986.

2. Edward L. Kimball, "Spencer W. Kimball", *Encyclopedia of Mormonism*, 4 volumes, New York: Macmillan Publishing Company, 1992, 2:785-89.

3. "Spencer W. Kimball", em *Meu Reino Avançará: Leituras sobre a História da Igreja*, Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1980.

4. A Liahona, Janeiro de 1986, páginas 90–93.

Destaques na vida de Spencer W. Kimball, 1895–1985

Ano	Idade	Acontecimento
1895	—	28 de março: Nasce na Cidade do Lago Salgado.
1898	3	A família Kimball muda-se para o Arizona.
1906	11	18 de outubro: Sua mãe, Olive Kimball, morre.
1914–16	19–21	Serve como missionário na região central dos Estados Unidos.
1917	22	16 de novembro: Casa-se com Camilla Eyring.
1938	42	Torna-se presidente da Estaca Mount Graham (Arizona).
1943	48	É apoiado como membro do Quorum dos Doze Apóstolos.
1957	62	Um câncer na garganta provoca a remoção de uma corda vocal e meia.
1969	74	Publica *"O Milagre do Perdão"*.
1970	75	Torna-se Presidente Interino do Quorum dos Doze Apóstolos.
1972	77	Sofre uma cirurgia no coração. 7 de julho: Torna-se Presidente do Quorum dos Doze.
1973	78	30 de dezembro: É designado e ordenado décimo-segundo Presidente da Igreja.
1974	79	6 de abril: É apoiado como Presidente da Igreja.
1976	81	3 de abril: Os santos aceitam revelações adicionais como escrituras. 2 de outubro: O Primeiro Quorum dos Setenta é organizado.
1977	82	Dedica a Polônia para a pregação do evangelho. (Essa foi a primeira visita de um Presidente da Igreja a um país da Cortina de Ferro.)
1978	83	8 de junho: Anuncia a revelação de que o sacerdócio é estendido a todos os homens dignos, membros da Igreja.
1979	84	Publicada a edição SUD da Bíblia, versão do Rei Tiago.
1980	85	2 de março: Instituído o programa de reuniões combinadas.
1981	86	Publicada uma nova edição da Combinação Tríplice.
1985	90	Agosto: Um novo hinário é publicado em inglês. 5 de novembro: Falece na Cidade do Lago Salgado.



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

Uma bênção de pai

Amanda Means

O bispo e eu sentamo-nos em seu escritório pequeno e organizado. Ele olhou atentamente para mim através das lentes dos óculos e disse: "Receber uma bênção patriarcal é como receber uma bênção do Pai Celestial. E, aos poucos, com o passar do tempo, irá compreendê-la melhor".

Levantei-me da pequena cadeira e trocamos um aperto de mão. Ele deu-me a recomendação para receber a bênção patriarcal. Agradeci e saí do bispado.

Ultimamente, eu andava me questionando. Será que o Pai Celestial realmente me ama? Será que realmente sabe quem sou? Ele me conhece individualmente e me ama por eu ser quem sou, não apenas por ser uma de suas filhas?

Tentei encontrar todas as respostas possíveis. "O Pai Celestial a ama porque você é sua filha", diriam minhas professoras das Moças.

"Deve sentir-se especial porque é uma filha de Deus", ensinaram-me na Primária.

Eu sabia que tudo isso era verdade. Sabia que ele me amava. Sabia que era uma filha de Deus. Mas eu não seria apenas mais uma em meio a tantos outros filhos? Será que ele me amava por minhas qualidades e personalidade?

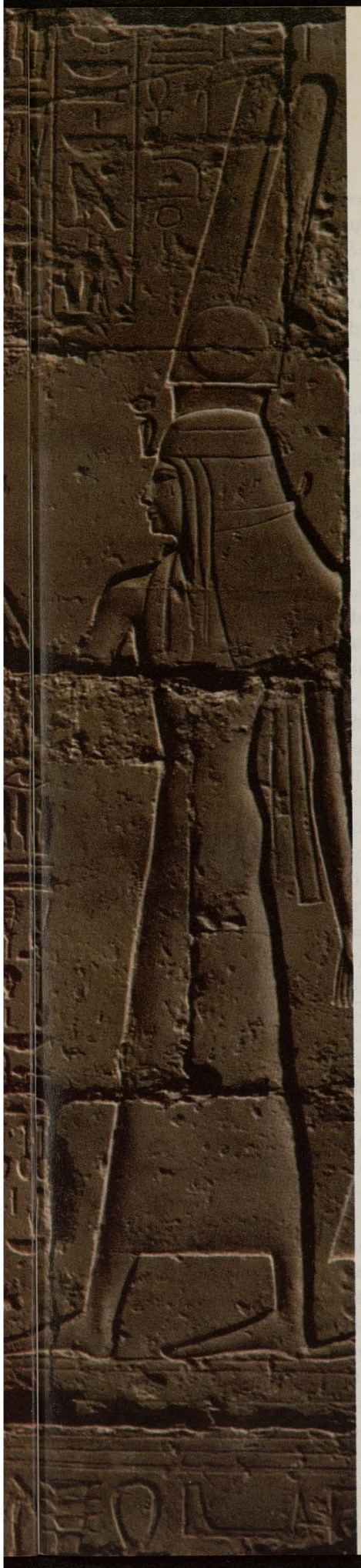
Minha mãe levou-me à capela e caminhei rapidamente até a pequena sala onde estava o patriarca. Ele era bem idoso, sorridente e tinha um olhar meigo e gentil.

Relembrou-nos o significado da bênção patriarcal e seu caráter sagrado. Depois, colocou as mãos sobre minha cabeça e começou a falar em lugar de meu Pai Celestial.

Ouvi atentamente tudo o que disse. Senti um Espírito tão forte que, em alguns momentos, não pude conter as lágrimas. Recebi a resposta que tanto buscava: "Saiba que o Pai Celestial a conhece bem e a ama". O patriarca também mencionou várias coisas que somente o meu Pai Celestial sabia. Senti o quanto ele me amava e se preocupava comigo.

Sei agora que o Pai Celestial me ama e me conhece, assim como ama e conhece todos vocês. Ele os ama por serem o que são. □





FOTOGRAFIA DE FLOYD HOLDMAN

O ÊXODO

VISTO COMO UM TESTE, UM TESTEMUNHO E UM EXEMPLO

S. Kent Brown

Quando Moisés recebeu o chamado divino para tirar os israelitas do cativeiro egípcio, provavelmente não tinha a mínima idéia do que Deus faria, a fim de libertar os escravos hebreus. Pragas afetariam egípcios, mas não israelitas, haveria proteção divina contra o anjo da morte, uma fuga miraculosa através do Mar Vermelho, água e maná no deserto e, finalmente, as grandes revelações do Monte Sinai. O Êxodo mostrou aos israelitas que o Senhor era leal e que eles eram o seu povo.

Sem dúvida, o Êxodo é uma das mais memoráveis obras de Deus em favor de Israel, antes da Expiação. As demonstrações de poder absoluto e a sublime afirmação do amor de Deus comprovaram a capacidade do

À esquerda: Entalhes antigos em colunas maciças do Templo de Karnak em Luxor, Egito. _Abaixo_: Uma das imponentes pirâmides de Gizé. No Egito, os israelitas testemunharam que a glória do homem empalidece quando comparada com o poder e a glória de Deus.



Senhor de resgatar e sustentar seu povo e também prenunciaram a expiação de Cristo. Profetas, líderes e mestres, tanto em Israel quanto nas terras do Livro de Mórmon, freqüentemente citaram o Êxodo como forma de fortalecer a fé na capacidade do Senhor de libertar seu povo, não só física mas também espiritualmente, pelo poder da expiação de Cristo. Vez após vez essas lições foram repetidas de várias maneiras, quando subseqüentes gerações do povo do Senhor escaparam a perseguições por meio da fé em seu Deus Todo-Poderoso.

O ÊXODO E ISRAEL

Quando o primeiro apelo de Moisés ao Faraó fracassou, três coisas aconteceram quase que imediatamente. Primeiro, o Faraó aumentou o trabalho dos escravos. (Vide Êxodo 5:6–19.) Depois, como resultado disso, os hebreus queixaram-se de Moisés e Aarão, por terem alterado a rotina. (Vide Êxodo 5:20–21.) E, finalmente, o próprio Moisés teve dúvidas de que o Senhor realmente fizesse tudo o que havia declarado. (Vide Êxodo 5:22–23.)

Nesse ponto, Deus convenceu Moisés da justiça do curso que os israelitas haviam tomado; e assegurou-lhes não só que estava no comando, mas que os hebreus podiam depositar toda a confiança em suas promessas: "Eu sou o Senhor. . . . e me lembrei do meu concerto. . . . E eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus. . . . E eu vos levarei à terra" (Êxodo 6:1–8).

Ao referir-se a si próprio na primeira pessoa, o Senhor enfatizou que tinha o controle da situação e que garantiria o bem-estar dos israelitas naquele momento e no futuro. A alteração, por parte de Faraó, do acordo de longa data com os israelitas já lhes havia ensinado que não se podia confiar nos seres humanos e em suas instituições. (Vide Êxodo 5:14–16.) Agora o Senhor podia fazer as coisas de modo a convencê-los de que ele era o único ser de quem podiam depender.

Assim, começando com a praga das moscas, as pragas que devastaram o Egito fizeram uma clara distinção entre os escravos israelitas e os egípcios. (Vide Êxodo 8:23; 9:4–7.) A extensão do poder do Senhor foi dramaticamente demonstrada quando os israelitas escaparam do anjo da morte, tomando uma série de medidas indicadas pelo Senhor. (Vide Êxodo 12:3–30.) De modo ainda mais dramático, o Senhor mais tarde revelou sua onipotência mandando a seu povo um anjo protetor e uma "coluna de nuvem" quando um exército com carros perseguiu os israelitas, criando uma crise de confiança. (Vide Êxodo 14:8–20.)

A libertação final chegou com uma fuga através do mar, o que demonstrou o controle do Senhor sobre a natureza. (Vide Êxodo 14:15–16, 21–31.) Essas demonstrações de poder finalmente convenceram os hebreus, pelo menos por um tempo. "E temeu o povo ao Senhor, e creram no Senhor e em Moisés, seu servo" (Êxodo 14:31). Apesar de a fé recente do povo de Israel ter sido abalada quando eles ficaram sem água e sem comida no deserto, quando o Senhor forneceu água, maná e codornizes a seu povo faminto, novamente foi demonstrado que ele era capaz de tomar conta deles e que o faria.

Tendo provado ser o Deus fiel, o Senhor estava pronto para fazer um convênio com os ex-escravos. Isto aconteceu no Monte Sinai. Uma geração mais tarde, na véspera da entrada dos israelitas na terra prometida, Moisés fez o seguinte comentário sobre os eventos no Sinai:

"Algum povo ouviu a voz de Deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo?. . . . A ti te foi mostrado para que soubesses que o Senhor é Deus: nenhum outro há senão ele" (Deuteronômio 4:33, 35).

Essas e outras experiências associadas ao Êxodo serviram, para um grande número de gerações que se seguiram, como símbolos centrais do relacionamento de Israel com o Senhor. A festa da Páscoa serviu como lembrança contínua de que Deus intercedera em favor de Israel. Esse acontecimento, então e agora, tem sido sempre festejado como se tivesse acabado de ocorrer, como se os participantes da festa fossem a geração tirada do Egito.

Além disso, três relatos distintos relembram os muitos feitos de Deus no Egito, em favor de Israel—feitos que estavam no centro da fé do povo hebreu. De acordo com uma ordem dada em Deuteronômio 6, os pais deviam não só ensinar a lei aos filhos, mas também, quando as crianças perguntassem a respeito da origem dos estatutos e julgamentos outorgados por Deus, eles deveriam responder, em parte: "Éramos servos de Faraó no Egito, porém o Senhor nos tirou com mão forte do Egito" (versículo 21). Algo semelhante era para ser proferido quando um israelita apresentasse os primeiros frutos da terra como oferta ao Senhor. (Vide Deuteronômio 26:5–9.)

Josué mostrou o modelo para futuras comemorações quando, na

cerimônia que dirigiu em Siquém, pouco antes de sua morte, enumerou os poderosos feitos de Deus, ao libertar Israel da escravidão. (Vide Josué 24:2–14.) É óbvio que o impacto do Êxodo no coração dos israelitas não iria diminuir nas gerações posteriores.

O ÊXODO E O LIVRO DE MÓRMON

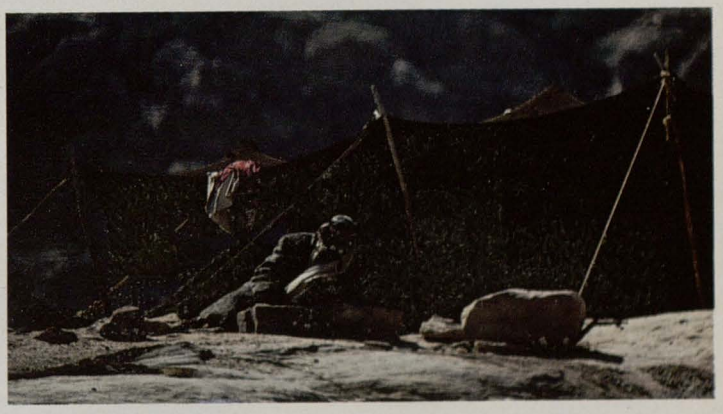
Para o povo do Livro de Mórmon, assim como para os israelitas, o Êxodo foi uma nítida prova do poder e do amor de Deus. Inspirou esperança, fé e confiança, geração após geração. Para convencer os leitores de seu testemunho de que o nome de Jesus Cristo é o único pelo qual alcançamos salvação, Néfi escolheu o Êxodo como cerne de seu juramento sagrado: "E como vive o Senhor Deus que tirou Israel da terra do Egito e que deu a Moisés o poder de curar as nações, depois de haverem sido mordidas por serpentes venenosas, . . . não há outro nome dado debaixo do céu, mediante o qual o homem possa salvar-se, a não ser o deste Jesus Cristo" (2 Néfi 25:20).

Quando Néfi quis provar a seus rebeldes irmãos que o Senhor podia guiar seu pai Léhi a uma terra prometida, ele citou os eventos do Êxodo como a suprema demonstração do poder de Deus para









***De cima para baixo*: Pastoreando ovelhas nas margens do Nilo. Uma possível rota do Êxodo. O Mar Vermelho, que Moisés dividiu com o poder do Senhor. Beduínos nômades, vivendo hoje de modo bem semelhante ao dos israelitas durante suas viagens.**

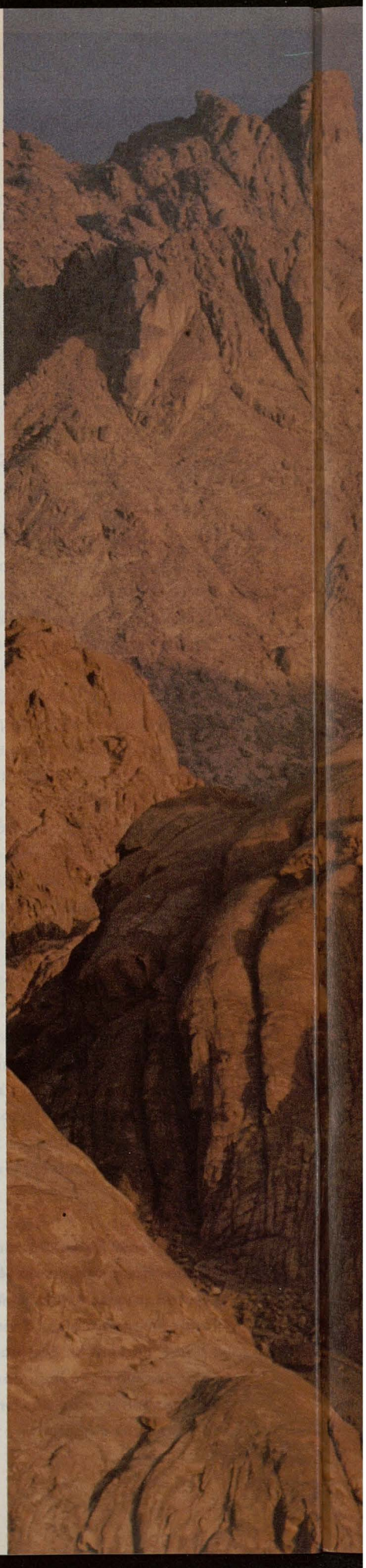
cumprir suas promessas. (Vide 1 Néfi 17:23–42.) Outro Néfi, filho de Helamã, respondendo às argumentações dos "homens . . . que . . . pertenciam ao bando secreto de Gadiânton", usou o Êxodo como a principal confirmação de que a palavra profética de Deus seria cumprida. (Vide Helamã 8:1, 11–13.)

Do mesmo modo, quando dois povos do Livro de Mórmon, escravizados, imploraram a Deus por libertação, eles usaram o clamor de Israel durante seu cativeiro. Esses dois exemplos ocorreram na colônia que deixou Zarahemla sob a liderança de Zênife, a fim de reclamar para si a terra original dos nefitas—um esforço finalmente abandonado por causa da opressão lamanita.

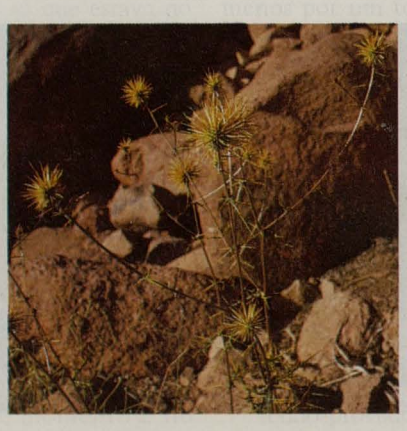
O primeiro destes grupos a clamar ao Senhor foi um de 450 pessoas que, sob a liderança de Alma, o pai, fugiram do rei Noé e estabeleceram-se na terra de Helam. (Vide Mosiah 23:1–20.) Mais tarde, caíram em cativeiro e buscaram a libertação do Senhor. (Vide Mosiah 23:21; 24:25.) O segundo grupo, o do Rei Limhi, constatou que mesmo uma série de rebeliões armadas não foi suficiente para evitar que se tornassem escravos dos lamanitas. (Vide Mosiah 21:2–13.) Em meio ao desastre da derrota, eles "clamaram fervorosamente a Deus "para que os livrasse de suas aflições" (Mosiah 21:14).

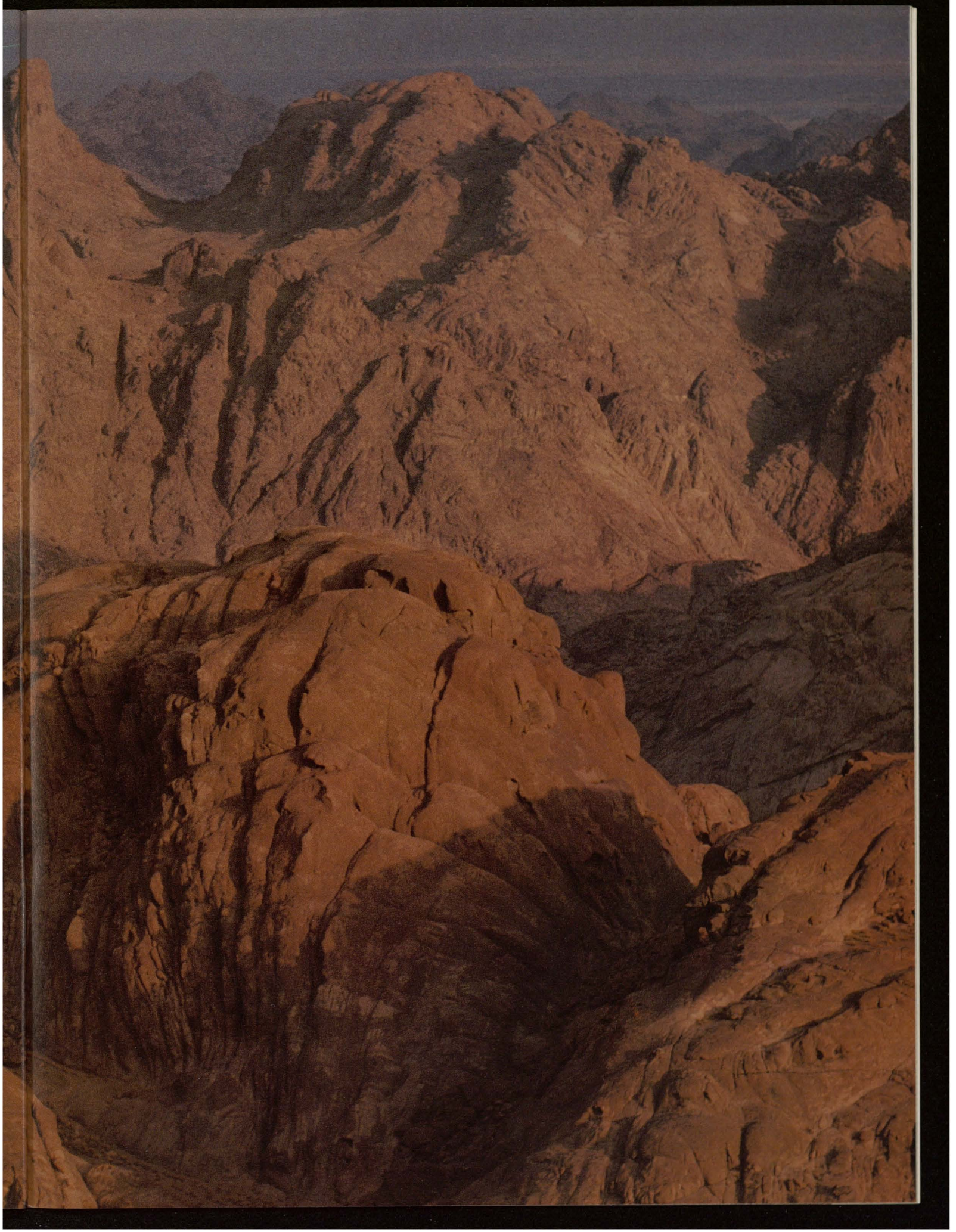
Em cada exemplo, o Êxodo foi apontado como uma prova de que Deus pode resgatar seu povo e o faz. "Ponde vossa confiança . . . naquele Deus que tirou os filhos de Israel da terra do Egito", Limhi disse a seu povo (Mosiah 7:19).

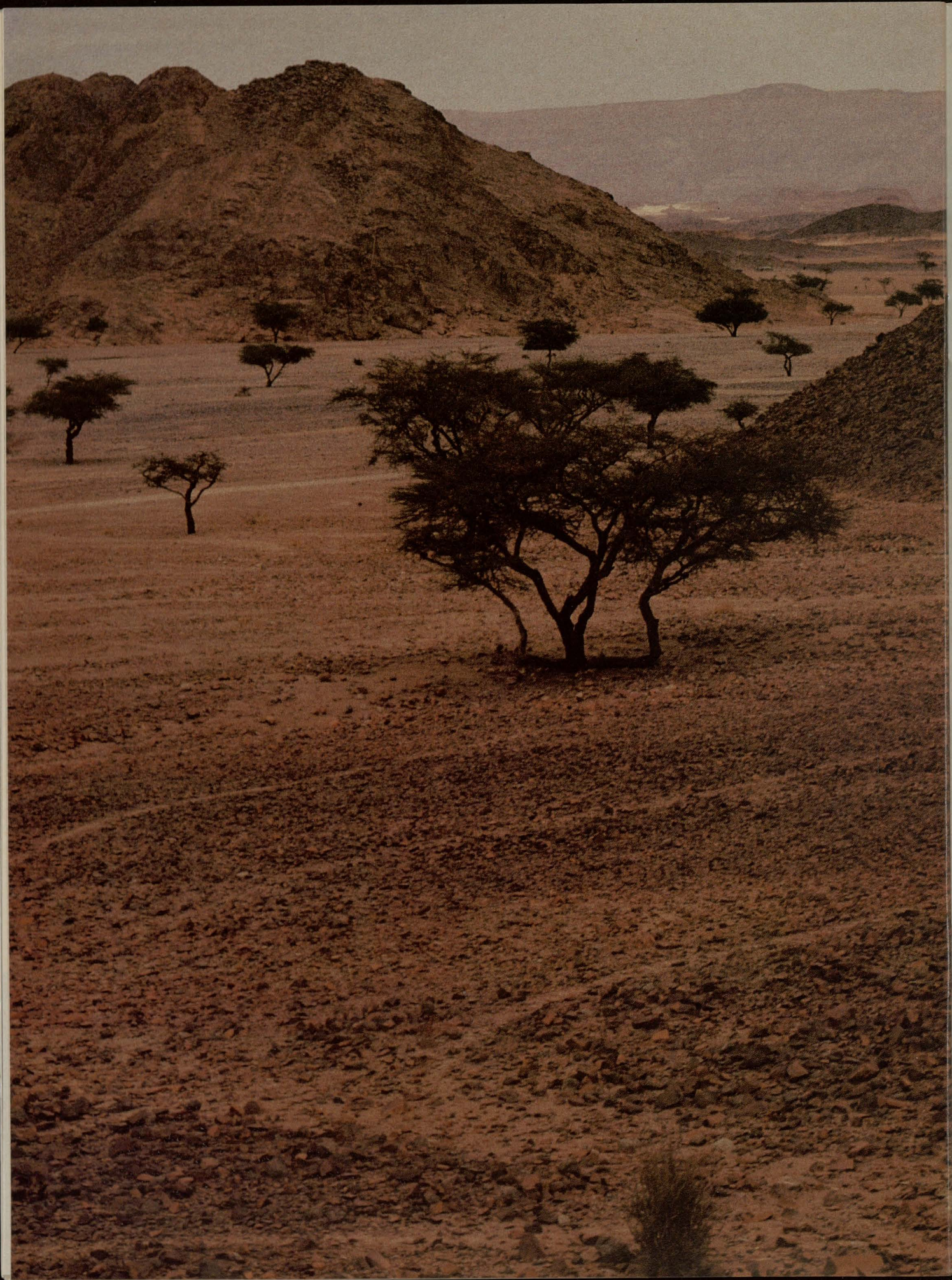
Mas o Êxodo foi mais do que uma confirmação do poder de Deus para esses dois povos cativos. Ele também forneceu um padrão para a fuga deles. Em cada caso, o Senhor controlou os eventos e abriu o caminho da libertação, exatamente como fizera para com a antiga Israel. Por exemplo, ele abrandou os corações dos



***À direita*: Vista do topo do Monte Sinai. Nesse monte, Deus falou a Moisés e deu a Israel os Dez Mandamentos. Os israelitas acamparam no Sinai por mais de um ano e construíram seu tabernáculo portátil.**
***Abaixo*: Na trilha que leva ao topo.**







opressores, do mesmo modo como abrandara o coração do Faraó por meio de pragas. (Vide Mosiah 21:15; 23:29.) No final, eles escaparam com suas posses, especificamente seus "rebanhos e gado"—um feito nada pequeno. (Vide Mosiah 22:10–11; 23:1; 24:18.)

O Rei Mosiah resumiu a libertação dos dois grupos: "Não fosse pela interferência de seu onisciente Criador, . . . teriam inevitavelmente permanecido no cativeiro até agora. . . . Mas eis que, . . . porque o invocaram fervorosamente, [ele] libertou-os do cativeiro" (Mosiah 29:19–20). Obviamente, tanto o povo de Limhi como o grupo que estava com Alma viam o Êxodo como um modelo para suas próprias experiências. O Êxodo deu-lhes a convicção de que o Senhor os libertaria, como fizera com os antigos israelitas.

O ÊXODO E A EXPIAÇÃO

Após a Expiação, o Êxodo teve sua importância diminuída pois, para os seguidores de Jesus, a Expiação substituiu-o como principal símbolo de fé e esperança. Autores do Livro de Mórmon, que viveram antes da Expiação, recorreram até mesmo à linguagem e descrição associadas ao Êxodo para melhor explicar os efeitos da Expiação.

Jacó, por exemplo, comparou os resultados da Expiação futura a uma "libertação" e um "escape", num longo sermão cheio de termos representando o Êxodo. Ele citou Isaías, cujas profecias sobre a coligação de Israel nos últimos dias formam o que alguns comentaristas vieram a chamar o "Segundo Êxodo"; o acontecimento no qual "o Messias se disporá a restaurar [seu povo] pela segunda vez" (2 Néfi 6:14).

Ao aplicar essa terminologia do Êxodo à Expiação, Jacó escreveu: "Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus, que nos preparou um caminho para escaparmos das garras desse terrível monstro, . . . morte e inferno. E por causa do caminho de redenção de nosso Deus, o Santo de Israel, essa morte da qual falei, que é temporal, entregará seus mortos; e essa morte é a sepultura" (2 Néfi 9:10–11; grifo nosso; vide também Isaías 50–52).

Alma, o filho, também faz ligação entre a Expiação e o Êxodo. Contando a seu filho Helamã sobre sua conversão, ele declara: "Deus *livrou-me* . . . da morte; sim, e *ponho minha confiança nele* e ele ainda me *livrará*". Ele continua louvando a Deus, que "tirou também a nossos pais de Jerusalém; e ainda, por seu sempiterno poder, os *livrou* do cativeiro vez após vez" (Alma 36:27,29; grifo nosso).

Para Jacó e Alma, o Êxodo e a Expiação mostram, de maneiras semelhantes, a onipotência de Deus. A Expiação trouxe uma libertação espiritual da escravidão do pecado, do mesmo modo que o Êxodo proveu uma libertação física da escravidão do Faraó.

Os escritos de Isaías, que usam a fraseologia do Êxodo para descrever a coligação de Israel pelo Messias, foram usados pelo próprio Salvador em 3 Néfi. Como exemplos, temos "solta-te das ataduras de teu pescoço, ó cativa filha de Sião" —uma clara alusão à escravidão dos hebreus (Isaías 52:2; 3 Néfi 20:37). "O meu povo em tempos passados desceu ao Egito, para peregrinar lá", relembra o Senhor, referindo-se à ida inicial da família de Jacó ao Egito para juntar-se a José (Isaías 52:4). A ordem "Retirai-vos,

No terreno desolado e estéril da Península do Sinai, Deus mostrou sua capacidade divina para libertar seu povo—não só física, mas também espiritualmente—pelo poder da expiação de Cristo.

retirai-vos, saí daí, não toqueis cousa imunda" traz a lembrança da fuga de Israel para o deserto (Isaías 52:11; 3 Néfi 20:41). E a tranqüilizadora segurança para a segunda vez em que o povo do Senhor fugir da iniqüidade: "não saireis apressadamente, nem vos ireis fugindo; porque o Senhor irá diante de vós, e o Deus de Israel será a vossa retaguarda", relembra — e intencionalmente inverte — os acontecimentos do Êxodo (Isaías 52:12; vide também 3 Néfi 20:42).

O ÊXODO E A RESTAURAÇÃO

Embora a Expiação tenha substituído o Êxodo como prova derradeira do poder misericordioso de Deus, o Senhor continuou a usar as imagens do Êxodo para renovar a confiança de seu povo. Aos santos necessitados de Winter Quarters, o Senhor aconselhou: "Não receies os teus inimigos, pois estão em minhas mãos e agirei para com eles como me parecer bem" (D&C 136:30). Como prova disso, o Senhor declarara: "Eu sou o Senhor vosso Deus, mesmo o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão e de Isaque e de Jacó. Eu sou aquele que tirou da terra do Egito os filhos de Israel; e o meu braço está estendido nestes últimos dias, para salvar o meu povo, Israel" (D&C 136: 21–22).

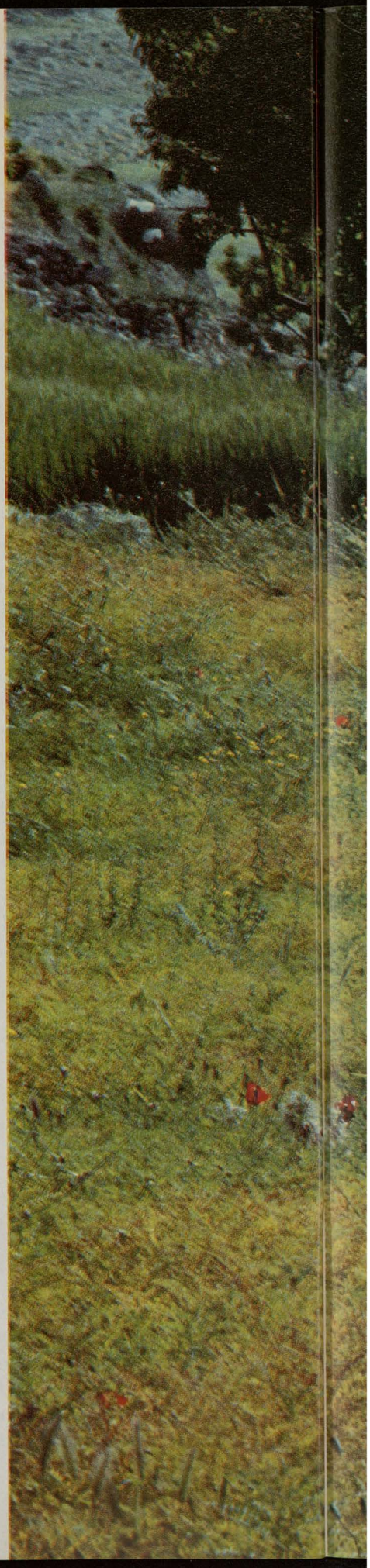
Jeremias profetizou que nos últimos dias "[eles] nunca mais dirão: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; Mas: Vive o Senhor, que fez subir, e que trouxe a geração da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde eu os tinha arrojado; e habitarão na sua terra" (Jeremias 23:7–8).

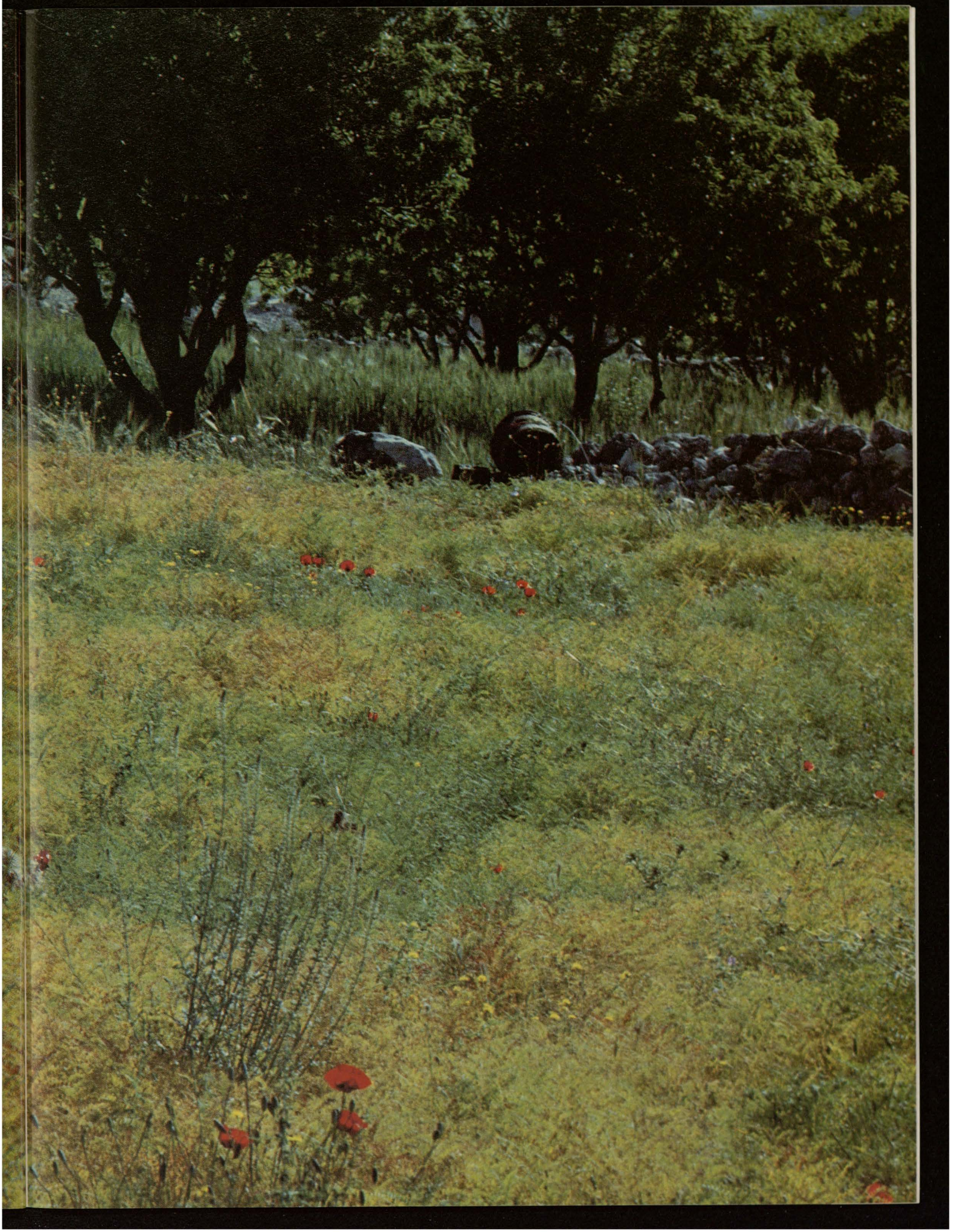
Usando a linguagem do Êxodo, o Senhor assegurou-nos por meio de Jeremias, de um futuro divinamente orientado—um futuro no qual ele guiará seu povo, assim como guiou os israelitas para fora do Egito. □

S. Kent Brown é professor de escritura antiga na Universidade Brigham Young.

***Abaixo*: O Rio Jordão, cujas águas foram divididas pelo poder de Deus; "e todo o Israel passou em seco" (Josué 3:16–17). *À direita*: A terra prometida—uma terra fértil e produtiva, "que mana leite e mel" (Êxodo 3:8).**







É A SUA VEZ DE DAR AULA

Shane Barker

Ryan Periga estava sorrindo ao dirigir-se para a frente da classe. Ryan era o presidente do nosso quorum de diáconos e chegara sua vez de dar a aula do sacerdócio.

"Hoje vamos fazer algo um pouco diferente", disse ele. "Eu trouxe um quebra-cabeça e o irmão Warner concordou em usarmos uns minutinhos para montá-lo."

Ele abriu a caixa e espalhou as peças no chão. Ajoelhou-se e olhou para nós, dizendo: "Vamos, venham ajudar-me!"

Não precisou falar duas vezes. Nós, diáconos, estávamos sempre procurando algo para fazer, mesmo que fosse montar um simples quebra-cabeça.

Pela indicação da caixa, o quebra-cabeça era para crianças de três a quatro anos de idade. Tinha apenas trinta peças grandes, portanto logo estava montado. O único problema era que faltava uma das peças do meio.

"Essa não", alguém protestou. "Está faltando uma peça!"

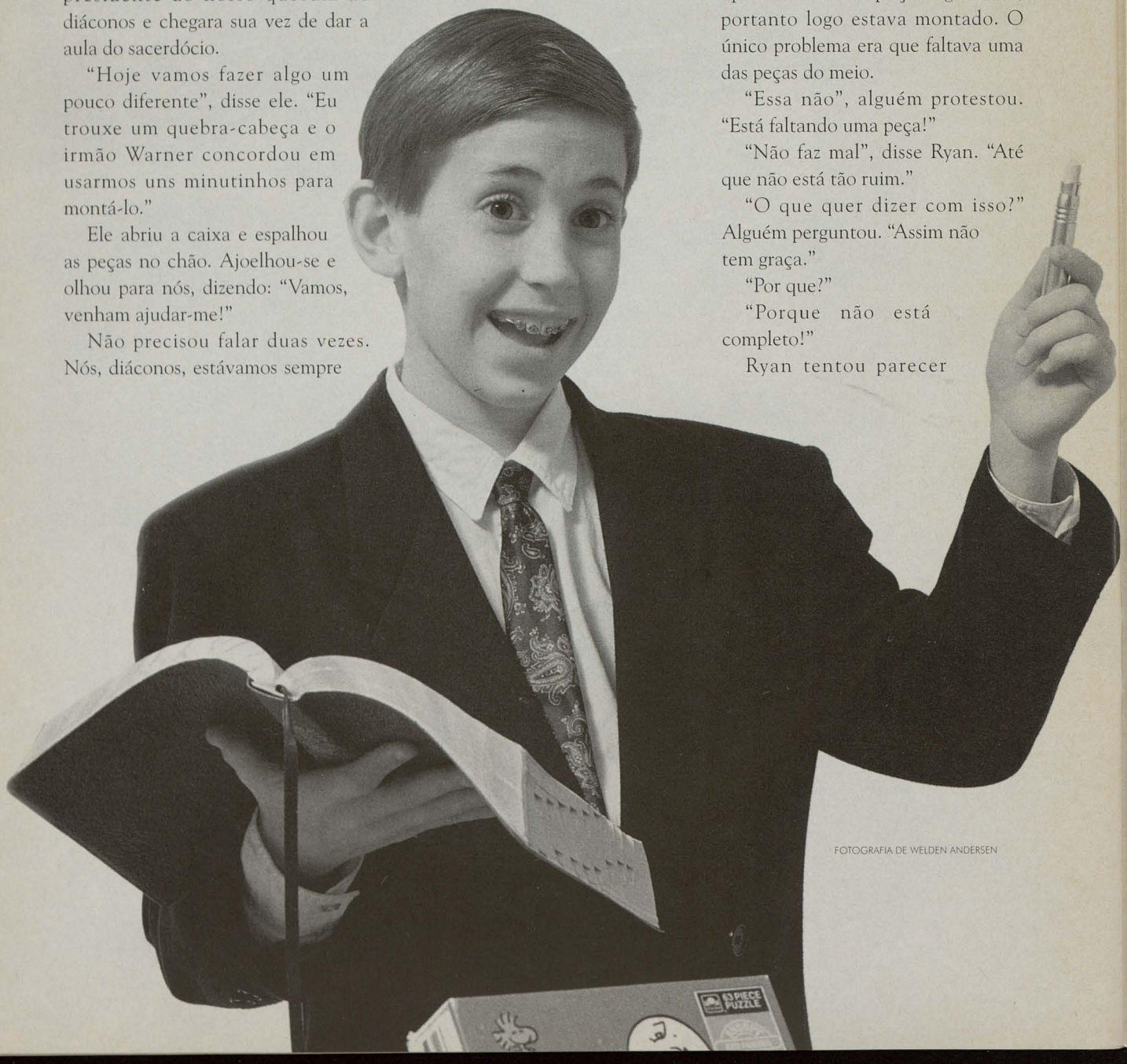
"Não faz mal", disse Ryan. "Até que não está tão ruim."

"O que quer dizer com isso?" Alguém perguntou. "Assim não tem graça."

"Por que?"

"Porque não está completo!"

Ryan tentou parecer



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



surpreso: "Mas isso tem alguma importância?"

"Claro que tem! Não se pode montar um quebra-cabeça sem todas as peças."

Ryan fez sinal de que concordava. Aí, apontou para a cadeira vazia e disse: "Todos devem ter percebido que já faz algum tempo que o Kevin não vem às reuniões do sacerdócio. Portanto, de certo modo, somos como este quebra-cabeça. Uma peça está faltando. Sem o Kevin, nosso quorum não está completo".

Ryan tinha dado sua mensagem. Havia ensinado tão bem sua lição que todos nós a compreendemos perfeitamente. E usamos o restante do tempo para debater de que maneira poderíamos trazer o Kevin de volta ao quorum.

Ryan provou que não precisamos ser uma Autoridade Geral para transmitirmos uma mensagem significativa, seja numa aula da Igreja ou na noite familiar. Todos temos idéias e experiências que podem ajudar e influenciar os outros. Não receie pedir sugestões e orientação ao seu consultor, seu professor do Seminário, seus pais ou um amigo. E, antes de qualquer coisa, lembre-se de orar. Busque a ajuda do Senhor ao preparar e dar uma aula.

Aqui vão algumas idéias para uma boa aula:

PREPARAÇÃO

1. Relacione o assunto à vida dos alunos. Ryan foi bem sucedido porque não falou apenas sobre quoruns. Ele falou sobre o nosso quorum. Não falou em reativação simplesmente. Falou em ajudarmos o Kevin. De repente, todos nos sentimos responsáveis pela unidade do quorum.

2. Depois, procure meios de tornar a aula vívida, real. Use objetos, atividades, histórias e debates para ensinar. Procure envolver todos os alunos. A aula de Ryan é um bom exemplo. Enquanto estávamos ocupados montando o quebra-cabeça, não fazíamos a menor idéia de que havia algo por trás daquilo. Mas estávamos todos envolvidos, todos participando.

3. Prepare-se com antecedência. Não podemos começar a preparação na noite de sábado e achar que vamos dar uma ótima aula no domingo de manhã. Então, comece a preparar-se com a maior antecedência possível. Organize as idéias e anotações.

4. Lembre-se de concluir cada aula com idéias específicas para a aplicação do que foi ensinado. Por exemplo, se estiver dando uma aula sobre serviço, desafie todos a ajudarem alguém durante a semana.

APRESENTAÇÃO

1. Evite ler histórias longas. A maior parte das histórias, ainda que muito bem escritas, não causam o mesmo impacto quando lidas em voz alta. Use suas próprias palavras para contá-la. Melhor ainda é relatar uma experiência pessoal que atinja o mesmo objetivo.

2. Tire idéias de *A Liahona*. Nela encontramos uma infinidade de histórias, experiências pessoais e citações.

3. Se for usar as escrituras (o que é sempre uma ótima idéia), verifique se todos as trouxeram.

4. Ao fazer uma atividade ou utilizar um objeto, verifique se são apropriados. Evite atividades que prejudiquem o espírito da reunião.

5. Seja um exemplo. É difícil convencer os alunos da importância da oração se nós mesmos não oramos com freqüência. Mas, lembre-se de que não é necessário sermos perfeitos em determinado aspecto para termos condições de ensiná-lo, desde que seja um aspecto no qual estejamos fazendo um esforço sincero para melhorar.

6. Mostre-se animado. Se não sentirmos entusiasmo pelo que estivermos ensinando, é provável que ninguém mais sinta.

7. Por fim, preste testemunho a respeito do que ensinou. □

CONEXÃO

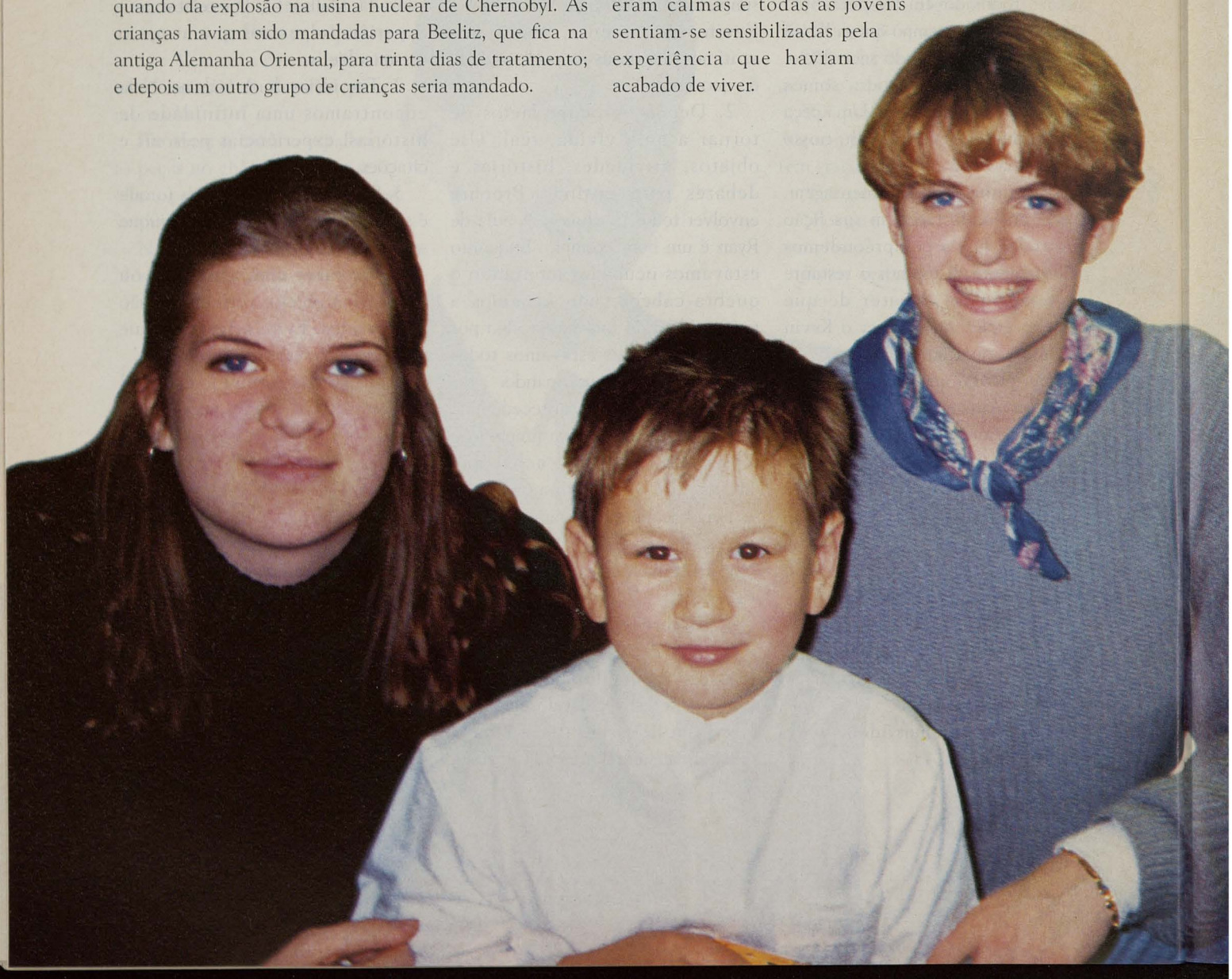
Maureen Clayton

O guarda russo abriu o portão que bloqueava a passagem entre o velho hospital militar russo, construído antes da Segunda Grande Guerra, e a rua principal. As jovens e suas líderes passaram pelo portão, em silêncio, dentro do veículo. Todas estavam animadas com o projeto de serviço, mas nenhuma imaginava a gratidão que sentiriam no final.

As moças da Ala dos Militares de Berlim, na Alemanha, haviam acabado de passar a tarde com trinta e duas crianças russas que foram expostas à radiação quando da explosão na usina nuclear de Chernobyl. As crianças haviam sido mandadas para Beelitz, que fica na antiga Alemanha Oriental, para trinta dias de tratamento; e depois um outro grupo de crianças seria mandado.

As moças brincaram com as crianças rodando bambolê, atirando bolas de borracha sobre um pára-quedas e, em outro jogo, jogando todas as bolas de um lado para o outro da sala antes que o apito soasse. Antes de irem embora deram a cada criança uma pequena sacola de frutas, goma de mascar e um presentinho contendo um caderno, uma caneta e três lápis coloridos.

Ao chegarem à rua principal, quebrou-se o silêncio. Mas o carro não se encheu dos gritos de alegria que geralmente acompanham grupos de moças. As vozes eram calmas e todas as jovens sentiam-se sensibilizadas pela experiência que haviam acabado de viver.



R U S S A

As jovens passaram a tarde com crianças russas que foram expostas à radiação quando da explosão na usina nuclear de Chernobyl. "A diferença de línguas não foi uma barreira", disse uma das moças, "pois conseguimos comunicar-nos por meio de nossos espíritos". *À esquerda*, Jessica e Tina Dorny com o novo amigo russo, Sascha.





FOTOGRAFIA DE MAUREEN CLAYTON

Elas foram elevar o espírito das crianças enfermas, mas, para sua própria surpresa, as crianças fizeram o mesmo por elas.

As crianças cantaram, dançaram e até representaram uma pequena peça teatral sobre "Cinderela" para as jovens. Apesar de as moças não conseguirem entender as crianças, isso não diminuiu o brilho da atividade. Elisabeth Farnsworth, de dezessete anos, diz: "A diferença de língua não foi uma barreira, pois conseguimos comunicar-nos por meio de nossos espíritos."

Elas foram elevar o espírito das crianças enfermas. Para sua surpresa, porém, as crianças fizeram o mesmo por elas. As crianças cantaram, dançaram e representaram uma pequena peça teatral sobre "Cinderela" para as jovens.



Quando as crianças terminaram seu programa, pediram que as moças cantassem para elas. "Lágrimas vieram-me aos olhos enquanto cantávamos 'Sou um Filho de Deus' (*Hinos*, nº 193; *Cante Comigo*, B-76) para aquelas crianças que não entendiam inglês", diz Elisabeth. "Tive a certeza de que o que cantávamos era verdadeiro e de que, mesmo falando línguas diferentes e sendo de países diferentes, somos todos filhos do mesmo Pai Celestial e ele sabe do que cada um de nós necessita. Ele realmente ama cada um de seus filhos. Aquelas crianças estavam longe de suas famílias e precisavam saber que eram amadas". O Senhor providenciara esse amor por meio das moças.

"Aprendi uma lição que certamente ficará comigo pelo resto de minha vida", diz Tina Dorny, de 17 anos. Ela fez amizade com um menino de oito anos chamado Sascha que brincou com um pedaço de trilho de trem de brinquedo durante todo o tempo em que as meninas estiveram lá. "Num momento, Sascha ensinou-me a encontrar felicidade nas pequenas coisas que nos são dadas e a não ficar tão envolvida com o mundo a ponto de esquecer as outras pessoas".

As crianças, assim como os médicos e enfermeiras, ficaram encantados com a visita e pediram que as meninas voltassem. Então elas combinaram de voltar na sexta-feira seguinte, só que dessa vez levariam alimentos, roupas e exemplares do Livro de Mórmon em russo. O projeto transformou-se num sucesso tão grande que as moças da estaca continuaram a visitar as crianças russas todo mês e assim farão enquanto elas estiverem recebendo tratamento em Beelitz.

Cada uma das moças, naquela tarde, saiu do hospital tendo sentido o Espírito de alguma forma. Elisabeth não foi a única a dizer: "Enquanto estava servindo, senti o Espírito como nunca havia sentido antes".

O carro fez uma curva e as meninas puderam ver a capela à distância. Espontaneamente, começaram a cantar "Eu Devo Partilhar" (*Hinos*, nº 135). Naquele momento elas entenderam o significado das palavras do Rei Benjamim, quando disse: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus" (Mosiah 2:17). □



O Senhor Cumpre Todas as Suas Palavras, de Clark Kelley Price

"E entrou Noé, e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele na arca, por causa das águas do dilúvio. Dos animais limpos, e dos animais que não são limpos, e das aves e de todo o réptil sobre a terra, entraram de dois em dois para Noé na arca, macho e fêmea, como Deus ordenara a Noé" (Gênesis 7:7–9).





Estudantes santos dos últimos dias em Roma, Itália, fazem um grande esforço para irem ao seminário aos sábados à tarde—e para darem um bom exemplo a seus amigos de fora da Igreja.

Vide "No Caminho Certo, em Roma", página 10.

94983059